

CARTILHA DO VESTIBULANDO

MEDICINA UFRJ



2023.1

TURMA 261

Índice

• Mensagem aos futuros calouros	3
• O Rio de Janeiro	4
• A Medicina UFRJ	6
Auxílios estudantis	7
Oportunidades	7
Intercâmbios.....	7
Iniciações científicas.....	7
Ligas acadêmicas.....	10
Projetos de extensão	12
Entidades.....	13
AAACC.....	13
TF.....	13
Vanguarda.....	13
CACC.....	13
• Estatísticas	
Modalidades	15
Dados acadêmicos	16
Perfil da turma	19
Redações	25
• Depoimentos	53
• Créditos	61

Mensagem aos futuros calouros

Sejam bem-vindos à cartilha do vestibulando da medicina UFRJ, a melhor federal do Brasil!

Nós, da turma 261, estamos felizes em poder ajudá-los nessa etapa tão delicada e importante da vida de vocês que é o pré-vestibular. Como já passamos por isso, nós sabemos que essa agonia passa e somente a alegria e orgulho da aprovação se mantêm.

Entretanto, é sempre difícil o processo de escolha, seja do curso ou da universidade, que envolve diversos fatores, como a nota de corte, a vida no Rio de Janeiro, a estrutura da universidade e as oportunidades acadêmicas por ela oferecidas.

Sabemos que são muitos tópicos a serem considerados e, por isso, a turma 261 reuniu seus dados e experiências para fornecer a vocês o máximo de informação para tentar tranquilizá-los nessa difícil tomada de decisão.

Torcemos pela aprovação de vocês e esperamos encontrá-los nos corredores do CCS e nas prefas!!!

Nos vemos logo.

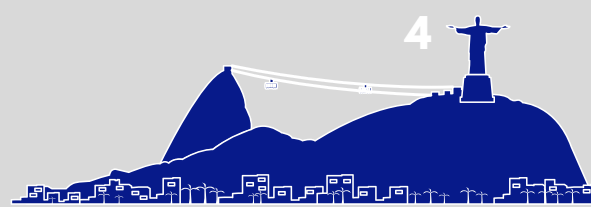
Com carinho,

Turma 261



O Rio de Janeiro

Para quem é de fora e nunca teve contato com a realidade carioca, morar no Rio de Janeiro pode parecer um cenário bastante assustador. Seja pela sua violência conhecida ou pelo seu trânsito afamado, o RJ espanta qualquer um que nele tenha oportunidade de morar, mas que, quando se conhece o rio, sabe que a realidade não é bem assim. Nesse sentido, muitos dos estudantes de fora buscam por locais seguros e de fácil locomoção, visando uma maior praticidade de acesso à faculdade ou uma melhor adaptação à vida carioca. Por isso, vamos falar aqui de alguns locais de modo a facilitar a sua escolha na hora de procurar por um apê.



Ilha do Governador

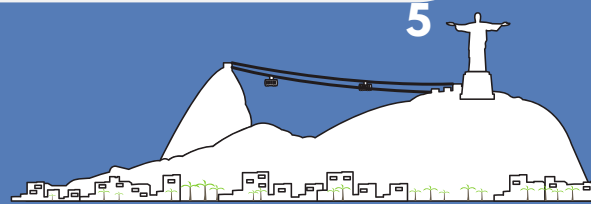
A Ilha é um dos melhores lugares para quem vem de longe. Devido a sua proximidade com a ilha do Fundão, a locomoção até a faculdade é muito rápida, permitindo que o seu tempo seja melhor gasto em outras atividades. O acesso ao Fundão se dá principalmente pelos ônibus, havendo também uma pequena contribuição para os grupos de carona. Os aluguéis têm um preço razoavelmente justo, apesar de ser um pouco complicado encontrar um apartamento bem localizado. Entretanto, você muito provavelmente não vai ter outro lazer na Ilha se não o shopping, fazendo com que seus roles de final de semana necessitem sempre do auxílio de um Uber.

Zona Sul

A Zona Sul dispensa comentários quanto às suas possibilidades. Nela você vai encontrar de tudo para fazer e aproveitar ao máximo a vida no RJ. O acesso ao Fundão se dá principalmente pelos grupos de carona, podendo também ocorrer através dos ônibus. Seu ponto negativo mais evidente é o custo de vida, que é extremamente elevado, uma vez que se trata da região mais nobre do Rio de Janeiro - mas isso não exclui a possibilidade de você encontrar um bom achado em Botafogo ou Flamengo.

Zona Norte

As áreas da Tijuca, Méier e Vila Isabel são interessantes para quem busca por custo-benefício maior entre lazer e praticidade, uma vez que conseguem reunir bons preços de aluguel e uma gama de atividades recreativas. O transporte para o Fundão ocorre preferencialmente através das linhas de ônibus, havendo também contribuição dos grupos de carona.





UFRJ

A MEDICINA UFRJ



A medicina UFRJ surgiu em 1808 a partir da assinatura da Carta Régia por Dom João. Atualmente, a FM encontra-se situada no Centro de Ciências de Saúde e conta com o apoio de um complexo de hospitais e institutos para a formação de seus alunos. O curso tem modelo tradicional e se estrutura, semestralmente, em grandes blocos de matérias, nos quais são abordadas todas as disciplinas referentes ao período em questão. A aprovação de dá mediante à média maior ou igual a 5 no bloco todo.

Um ponto que se destaca na formação médica no Fundão é a revalidação automática do diploma em Portugal, sendo este um diferencial exclusivo da Med UFRJ.

No mais, a medicina UFRJ se destaca pelas suas grandes oportunidades acadêmicas e pela sua potência enquanto produtora de conhecimento científico, responsáveis pelo seu grande prestígio dentro e fora do país.



Vista área do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho



UFRJ

A MEDICINA UFRJ

→ Auxílios estudantis

Com o interesse em garantir a permanência acadêmica, a melhoria do desempenho e a igualdade de oportunidades, a UFRJ oferece diversos auxílios estudantis para estudantes de baixa renda. São eles os auxílios moradia, permanência, material didático, educação infantil, transporte intermunicipal e alimentação. O edital de seleção é publicado no início do semestre pela Pró-Reitoria de Políticas Estudantis (PR7).

→ Oportunidades acadêmicas

Intercâmbios



Intercâmbio - FM

O propósito do Programa de Intercâmbio da Faculdade de Medicina é fomentar a integração acadêmica, cultural e institucional entre a UFRJ e os países com laços diplomáticos com o Brasil. Com foco especial em enriquecimento intelectual e pessoal, o programa visa oferecer aos estudantes intercambistas a chance de desenvolver suas paixões ao se envolverem nas atividades diárias de um ambiente acolhedor e profissional.



UFRJ

A MEDICINA UFRJ

Os estudantes podem realizar o intercâmbio durante o Internato no 9º, 10º ou 11º período, a área escolhida deverá ser a que seria cursada no mesmo período nos Internatos Rotatórios obrigatórios da UFRJ e a mesma que a do internato eletivo. O critério principal de classificação é segundo o CR do aluno, contabilizado até o 5º período, e a duração máxima da estada será de 11 semanas. Dentre os países que detêm faculdades conveniadas participantes do programa de intercâmbio da Faculdade de Medicina da UFRJ estão: Portugal, França, Espanha e Alemanha.

Intercâmbio - IFMSA

A IFMSA Brazil UFRJ é um comitê local da IFMSA Brazil, composto por alunos de medicina da UFRJ. A organização se baseia em três eixos: Atividades, Intercâmbios e Pesquisa, permitindo, assim, aprofundar assuntos pouco explorados na graduação e promover educação em saúde para o público em geral. No eixo de Intercâmbios, a organização ajuda os alunos da UFRJ a realizar intercâmbios em universidades de medicina estrangeiras acessíveis e proporcionam uma boa experiência para estudantes estrangeiros que fazem intercâmbio na UFRJ.



UFRJ

A MEDICINA UFRJ

Existem 2 tipos de estágios internacionais: SCOPE - Clínico/Cirúrgico: onde é possível acompanhar um departamento de um hospital, assim como um rotatório no internato. SCORE - Pesquisa: no qual há a participação em um projeto de pesquisa no laboratório de uma universidade. Para conseguir concorrer, o aluno deve se inscrever no processo seletivo, escolher os países que tem interesse e anexar vários certificados de atividades feitas durante a graduação, os quais valerão pontos. O processo ocorre que nem o SISU: cada estudante terá uma quantidade de pontos e conforme a nota de corte de cada país, ocorrem as classificações para as vagas. Dentre as atividades que pontuam estão: o aproveitamento do curso, monitorias, ligas, PINC, publicações e apresentações científicas, projetos de extensão, etc.



UFRJ

A MEDICINA UFRJ

Iniciação científica



“Na faculdade se ensina porque se pesquisa”, Carlos Chagas Filho.

A UFRJ é uma grande referência quando o assunto é a pesquisa científica, possibilitando as mais diversas abordagens na área médica. O Centro de Ciências da Saúde (CCS), onde está a Faculdade de Medicina (FM), apresenta diversos laboratórios, assim como o Hospital Universitário (HU), os quais permitem desde pesquisas laboratoriais, até clínicas e translacionais. A participação nesses projetos depende exclusivamente do interesse do aluno, a qual, apesar de optativa, é bastante enriquecedora para o currículo e para a formação médica do discente. É válido ressaltar que algumas ICs disponibilizam bolsa e o seu processo seletivo varia conforme o orientador.

Ligas Acadêmicas



Na faculdade, é possível fazer parte de diversas ligas acadêmicas. Elas consistem em alunos com interesse em comum em alguma área médica que se organizam sob a orientação de um professor da área de modo a promover um aprofundamento em assuntos daquele tema. Cada liga apresenta um cronograma de atividades específico, que geralmente baseia-se em palestras com convidados (médicos, pesquisadores, etc) e atividades práticas (acompanhar cirurgia, ambulatório, etc).





UFRJ

A MEDICINA UFRJ



Projetos de extensão



Além das ligas, das iniciações científicas e dos intercâmbios, também é possível participar de atividades extracurriculares como os projetos de extensão, que consistem na devolução do conhecimento produzido na faculdade para a comunidade. Os projetos de extensão mais conhecidos são:

APS Vila Residencial

O APS foi o primeiro projeto de extensão criado na UFRJ e consiste em atendimentos quinzenais na Vila Residencial do Fundão com o objetivo de atender à demanda dos seus moradores, que sofrem com a dificuldade de acesso aos postos de saúde e à clínica da família. Os atendimentos são feitos em grupos com alunos de Ms baixas e altas, os quais são orientados por um médico, sendo uma ótima oportunidade de contato com o paciente durante o ciclo básico.



UFRJ

A MEDICINA UFRJ

PREFEB

O PREFEB é o pré-vestibular social da UFRJ. Ele surgiu para auxiliar alunos em situação de vulnerabilidade social, de modo que eles possam se preparar para conquistar uma vaga em uma universidade pública. Os alunos da medicina, assim como os de qualquer outro curso de graduação, podem apoiar o projeto sendo monitores ou corretores de redação.

Med.Co JR

A Med.Co é a empresa júnior da medicina, sendo a primeira a ser criada no estado do Rio de Janeiro. Seu objetivo é o desenvolvimento acadêmico e profissional dos estudantes da graduação através da vivência empresarial e corporativa. O projeto contribui para que o médico seja capaz de gerir e administrar sua carreira para além da prática médica.

MedCine

O MedCine é um cineclube organizado por alunos e professores da UFRJ para discutir e estudar sobre alguma obra relacionada à área médica. Os encontros são mensais e abertos ao público.

ENTIDADES



Associação Atlética Acadêmica Carlos Chagas (A.A.A.C.C.)

Garra nos olhos e sede de vitória

Que nossa atlética é gigante todos já sabem! Responsável pela gestão de todas as modalidades esportivas da MED UFRJ, a atlética carrega a Minerva no peito nos jogos universitários e luta com muita garra para garantir nossos troféus. É muita tradição!



Centro Acadêmico Carlos Chagas (C.A.C.C.)

Essa é a entidade representativa de todos os estudantes da Medicina UFRJ. Responsável por dialogar com os alunos e debater soluções para questões de todas as naturezas, de forma democrática e aberta, o C.A promove a representatividade, a integração e o pertencimento da MED UFRJ.



Bateria Vanguarda

“Saaai, sai da frenteeel!”

A Vanguarda é a Bateria Universitária da MED UFRJ. Nossos ritmistas incríveis vieram para mostrar como o Fundão sabe dar show e fazer festa! É impossível não se arrepiar. Sai da frente que a melhor do Brasil tá chegando!

Torcida Fundão (TF)

“Nosso esporte é torcer”

Essa é a nossa torcida organizada! Animada como só a Med UFRJ consegue ser, a TF confecciona cartazes, elabora dinâmicas, compõe músicas e contagia a torcida nos jogos universitários para apoiar nossos atletas e nos lembrar como é bom ser Fundão!





ESTATÍSTICAS

MODALIDADES

A UFRJ tem uma maneira própria de nomear as diferentes cotas, chamando-as modalidades. Segue abaixo a equivalência entre a classificação padrão e a da UFRJ:

- Modalidade 01 - Candidatos com deficiência autodeclarados pretos, pardos ou indígenas, que tenham renda familiar bruta per capita igual ou inferior a 1,5 salário mínimo e que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas (Lei no 12.711/2012).
- Modalidade 02 - Candidatos autodeclarados pretos, pardos ou indígenas, com renda familiar bruta per capita igual ou inferior a 1,5 salário mínimo e que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas (Lei no 12.711/2012).
- Modalidade 03 - Candidatos com deficiência que tenham renda familiar bruta per capita igual ou inferior a 1,5 salário mínimo e que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas (Lei no 12.711/2012).
- Modalidade 04 - Candidatos com renda familiar bruta per capita igual ou inferior a 1,5 salário mínimo que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas (Lei no 12.711/2012).
- Modalidade 05 - Candidatos com deficiência autodeclarados pretos, pardos ou indígenas que, independentemente da renda (art. 14, II, Portaria Normativa no 18/2012), tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas (Lei no 12.711/2012).
- Modalidade 06 - Candidatos autodeclarados pretos, pardos ou indígenas que, independentemente da renda (art. 14, II, Portaria Normativa no 18/2012), tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas (Lei no 12.711/2012).
- Modalidade 07 - Candidatos com deficiência que, independentemente da renda (art. 14, II, Portaria Normativa no 18/2012), tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas (Lei no 12.711/2012).
- Modalidade 08 - Candidatos que, independentemente da renda (art. 14, II, Portaria Normativa no 18/2012), tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas (Lei no 12.711/2012).
- Modalidade 09 - Ampla Concorrência.

*RE= CHAMADA REGULAR

*LE= LISTA DE ESPERA

*A questão anulada não foi contabilizada como acerto.

ESTATÍSTICAS



MODALIDADE 2 - EP + PPI + RENDA

Posição	Redação	Linguagens		Humanas		Natureza		Matemática		Média		Acertos Totais
		Acertos	Nota	Acertos	Nota	Acertos	Nota	Acertos	Nota	Simples	UFRJ	
3° da RE	920	-	560,4	-	708,1	-	748,5	-	782,4	743,88	774,44	-
5° da RE	920	-	648	-	715	-	690	-	800	755	773,62	-
7° da RE	980	-	600,1	-	694,3	-	635,1	-	836,8	749,26	776,00	-
10° da RE	960	-	548,7	-	684,4	-	691	-	811,3	739,08	769,87	-
12° da RE	980	-	561,5	-	572,1	-	699,7	-	769	716,46	765,53	-
4° da 1° LE	960	-	594,8	-	625,7	-	668,9	-	767	723,28	758,84	-
4° da 2° LE	960	37	634	34	621	-	634	30	690	708	751,20	-
2° da 3° LE	920	-	610	-	690	-	710	-	780	710	730,00	-

MODALIDADE 3 - EP + RENDA + PCD

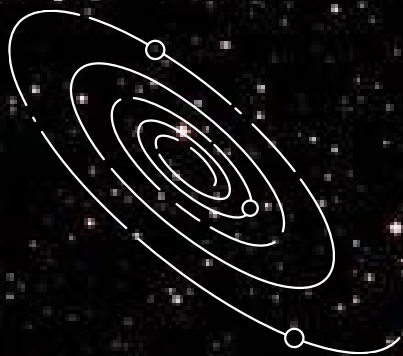
Posição	Redação	Linguagens		Humanas		Natureza		Matemática		Média		Acertos Totais
		Acertos	Nota	Acertos	Nota	Acertos	Nota	Acertos	Nota	Simples	UFRJ	
1° da 1° LE	920	29	600	36	697	20	618	37	796	743,88	696	122

MODALIDADE 4 - EP + RENDA

Posição	Redação	Linguagens		Humanas		Natureza		Matemática		Média		Acertos Totais
		Acertos	Nota	Acertos	Nota	Acertos	Nota	Acertos	Nota	Simples	UFRJ	
1° da RE	980	36	647,5	31	667,6	38	765,7	37	858,1	783,78	820,12	142
2° da RE	980	37	671,4	37	701	31	716,9	35	867,2	787,3	812,7	140
3° da RE	960	37	645	37	702	35	753,5	31	826	777,3	807,54	140
5° da RE	920	38	712,6	36	693,7	32	723,8	34	873,1	784,64	803,1	140
6° da RE	960	-	649,1	-	657,1	-	706,9	-	891,9	771,8	800,5	-
8° da RE	980	27	571,7	36	685,4	27	711,1	33	877,3	764,98	795,98	123
9° da RE	960	0	592	0	670,1	0	713,4	0	894,5	766	795,1	0
11° da RE	920	27	595	31	666	34	750	36	895	761	794,8	128
1° da 1° LE	940	-	666,6	-	689,4	-	707,4	-	859,4	772,56	794,69	-
2° da 1° LE	920	32	622	34	684	32	739	38	880	770	794	136

MODALIDADE 5 - EP+ PPI + PCD

Posição	Redação	Linguagens		Humanas		Natureza		Matemática		Média		Acertos Totais
		Acertos	Nota	Acertos	Nota	Acertos	Nota	Acertos	Nota	Simples	UFRJ	
1° da RE	940	30	630	37	659	30	705	30	759	730	770	127



ESTATÍSTICAS

MODALIDADE 6 - EP + PPI

Posição	Redação	Linguagens		Humanas		Natureza		Matemática		Média		Acertos Totais
		Acertos	Nota	Acertos	Nota	Acertos	Nota	Acertos	Nota	Simples	UFRJ	
7º da RE	980	35	652,3	36	677,9	25	674	32	840,3	764,9	790,7	128
11º da RE	920	-	724,1	-	723,8	-	683,1	-	808,6	771,92	784,74	-
12º da RE	980	-	662,8	-	705,7	-	655,9	-	787,9	758,46	780,82	-
2º da 1ª LE	960	34	646	37	712,3	30	701,6	21	715,8	747,14	769,41	122
3º da 1ª LE	940	33	638,3	32	673,3	25	654	32	831,9	747,5	768,44	122
4º da 1ª LE	920	-	589,9	-	707,1	-	716,3	-	757,9	738,24	765	-
1º da 2ª LE	940	33	623,7	30	621,3	27	667,4	30	806,5	731,78	762,41	120
2º da 2ª LE	920	32	605,3	34	675,7	26	646,3	38	826,4	741,16	754,18	130
3º da 2ª LE	880	-	658,7	-	716,4	-	663,1	-	770,2	737,68	752,63	-
4º da 2ª LE	940	-	610	-	703,6	-	643,3	-	754,1	730,2	751,15	-
5º da 2ª LE	940	-	616,3	-	662,8	-	662,9	-	724,7	721,34	750,49	-

MODALIDADE 7 - EP + PCD

Posição	Redação	Linguagens		Humanas		Natureza		Matemática		Média		Acertos Totais
		Acertos	Nota	Acertos	Nota	Acertos	Nota	Acertos	Nota	Simples	UFRJ	
1º da RE	940	35	671,1	36	693,8	27	684,5	31	848,8	767,64	787,05	129

MODALIDADE 8 - EP

Posição	Redação	Linguagens		Humanas		Natureza		Matemática		Média		Acertos Totais
		Acertos	Nota	Acertos	Nota	Acertos	Nota	Acertos	Nota	Simples	UFRJ	
1º da RE	940	39	723	40	759,2	35	771,7	34	888,8	816,54	833	148
3º da RE	980	34	666,3	41	756,6	36	765,8	32	845,5	802,84	827,95	143
5º da RE	940	37	704,5	44	839,2	30	739,7	31	869,2	818,52	823,5	142
9º da RE	1000	36	664,1	37	723,8	31	716,3	33	876,3	796,1	820,75	137
1º da 1ª LE	980	30	586,7	39	742,4	32	716,6	37	914,1	787,96	810,03	138
2º da 1ª LE	920	38	689,4	37	689	37	739	40	906,1	788,7	805,5	152
6º da 1ª LE	960	34	651,5	37	715,8	30	688,2	40	908,5	784,8	802,2	141
1º da 2ª LE	1000	31	634,4	37	711,6	28	686,5	33	848,2	776,14	801,75	129
2º da 2ª LE	960	34	662,4	35	674,5	28	683,9	36	913,7	778,9	800,18	133
3º da 2ª LE	960	34	653,3	35	700,7	31	714,7	34	841,7	774,08	799,19	134

ESTATÍSTICAS



MODALIDADE 9 - Ampla concorrência

Posição	Redação	Linguagens		Humanas		Natureza		Matemática		Média		Acertos Totais
		Acertos	Nota	Acertos	Nota	Acertos	Nota	Acertos	Nota	Simples	UFRJ	
2º da RE	960	42	747,6	41	787	38	778,9	39	935,3	841	854,49	160
3º da RE	980	39	716,4	40	739,1	36	750	37	942,2	825,54	844,33	152
4º da RE	960	36	680	34	675,1	41	828,2	40	892,4	807,14	844,05	151
11º da RE	980	37	688,3	37	690,9	33	757,9	39	929,6	809,34	836,5	146
12º da RE	940	39	703,2	36	692,2	39	784,6	38	927,9	810,38	835,14	152
13º da RE	960	34	665,8	35	674,1	38	767,1	42	970	807,4	834,93	149
14º da RE	920	34	657,5	36	698,3	42	830,5	38	917	804,66	834,44	150
15º da RE	960	37	683,9	34	691,7	36	775,3	39	923,5	806,88	834,44	146
17º da RE	980	33	661,4	37	700	35	774	37	902,8	803,24	834,18	142
18º da RE	960	-	646,2	-	753	-	766,6	-	945,9	814,34	834,12	-
16º da RE	980	39	733,5	37	712,3	34	749,3	35	875,3	810	834	145
19º da RE	940	33	667,3	37	714,3	36	779,3	40	953,6	810,9	833,33	146
21º da RE	960	38	695,5	39	743,1	36	743,1	39	938,2	815,98	832,53	152
23º da RE	980	37	690,1	40	754,5	38	762,2	36	857,5	808,86	832,19	151
24º da RE	980	39	700,4	40	742,4	34	767,8	30	840,4	806,2	831,94	143
26º da RE	940	39	719,2	37	697,6	35	768,3	38	919,7	808,96	831,43	149
27º da RE	900	36	681,4	38	740,8	43	844,9	33	859,6	805,34	830,95	150
28º da RE	980	36	658,4	36	700,5	37	779,6	34	873,1	798,3	830,9	143
29º da RE	960	36	685,2	38	724,7	38	784,5	33	863,6	803,6	830,79	145
30º da RE	920	38	686,7	41	727,9	37	778,3	37	952,6	813,1	830,75	153
31º da RE	960	38	713,2	36	670,9	38	759,1	38	911,3	802,9	830,48	150
32º da RE	960	-	700,1	-	670,6	-	779,5	38	883,2	798,8	830	-
34º da RE	960	34	651,8	38	731,4	33	741,5	40	972,1	811,36	829,63	145
36º da RE	960	33	671,1	35	684,6	39	765,3	41	925,9	801,38	829,22	148
39º da RE	960	30	639,9	38	747,3	35	784,3	38	879,5	802,2	827,9	141
40º da RE	940	33	645,4	41	752,4	37	789,2	35	901,2	805,64	827,88	146
41º da RE	980	36	679,4	42	760	39	750,7	34	860,1	806,4	827,8	151
42º da RE	920	35	684,3	41	767,1	38	809,1	31	852,3	806,56	827,44	145
43º da RE	960	39	712,8	42	758	35	745	37	875,1	810,18	827,22	153
44º da RE	980	39	695,5	36	689,8	34	759,3	33	857,5	796,42	827,15	142
45º da RE	960	33	665,4	36	671,7	36	779,6	37	895,8	794,5	827,12	142
46º da RE	960	37	694,6	36	704,9	36	756,1	34	895,7	802,26	826,92	143
48º da RE	940	38	696,4	39	736,9	33	732,6	39	963,1	813	826,64	149
49º da RE	960	35	633,9	34	652,1	38	803,3	36	885,9	787	826,53	143
50º da RE	980	38	693,7	37	708,6	35	749,6	34	860,6	798,54	825,85	144
1º da 1ª LE	900	35	676,5	38	727,3	42	811,5	38	904,9	804,04	825,85	153
2º da 1ª LE	980	35	658,2	38	716,6	35	742,8	36	904,3	800,38	825,6	144
3º da 1ª LE	940	38	715,8	39	726,9	36	731,1	41	944,7	813	825	154
4º da 1ª LE	960	34	663,3	40	751,3	34	748,2	36	902,3	805,2	824,25	144
5º da 1ª LE	980	34	644,6	33	664,4	36	762	33	894,8	789,16	823,94	136
6º da 1ª LE	960	38	685,8	37	703,4	35	754	37	889,2	798,48	823,8	147
8º da 1ª LE	960	-	667,8	-	738,4	-	769	-	856,5	798,34	823,31	-
10º da 1ª LE	960	33	655,9	36	687,1	36	757,2	38	909,2	793,88	822,01	143
12º da 1ª LE	960	34	645,8	40	742,4	35	737,9	37	916,5	800,52	819,89	146
12º da 1ª LE	940	30	629,5	35	682,4	39	791,9	36	890,4	786,84	819,22	140
13º da 1ª LE	980	35	672,8	34	685,4	34	747,5	38	856	780	819	141
14º da 1ª LE	940	34	638,7	34	690,2	38	768,9	39	912,5	790,06	817,55	145
2º da 2ª LE	1000	32	641,1	38	721,3	28	709,7	37	890,1	792,44	817,12	135

ESTATÍSTICAS

Perfil da turma

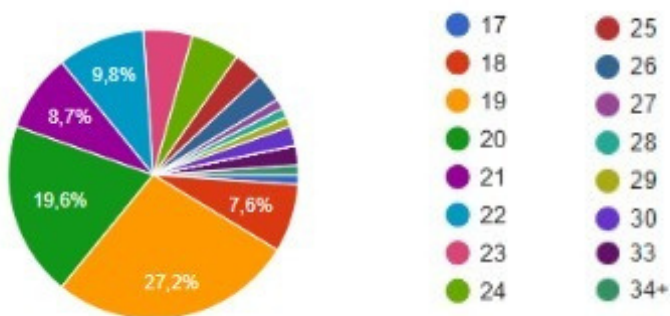
Com qual gênero você se identifica?



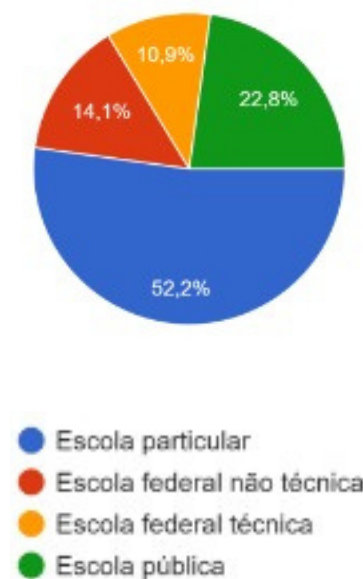
Quando você decidiu pela Medicina?



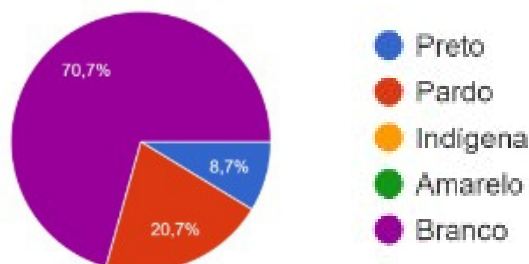
Qual a sua idade?



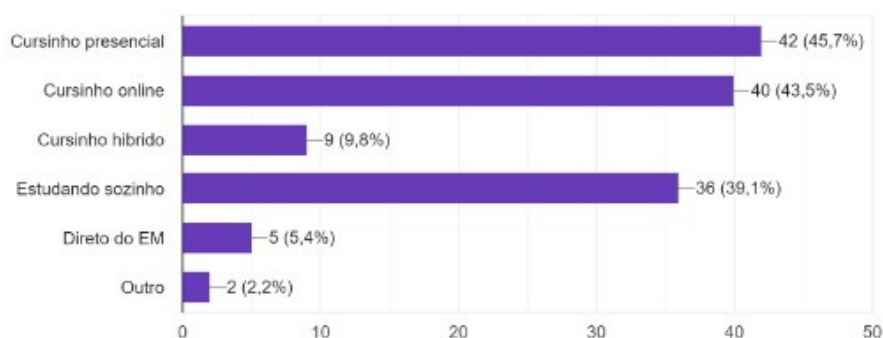
Qual a sua formação no ensino médio?



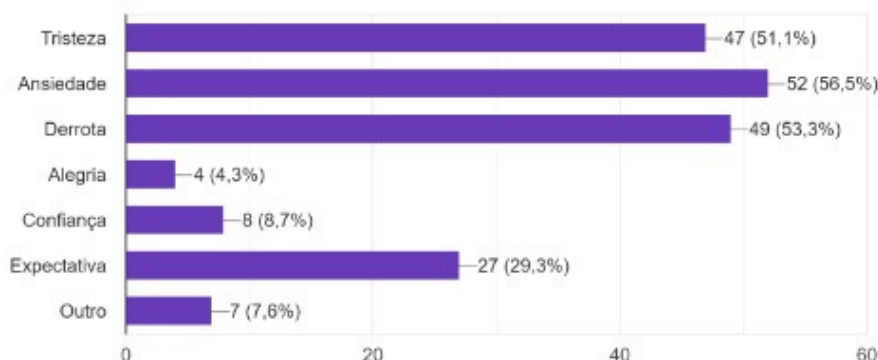
Qual a sua etnia?



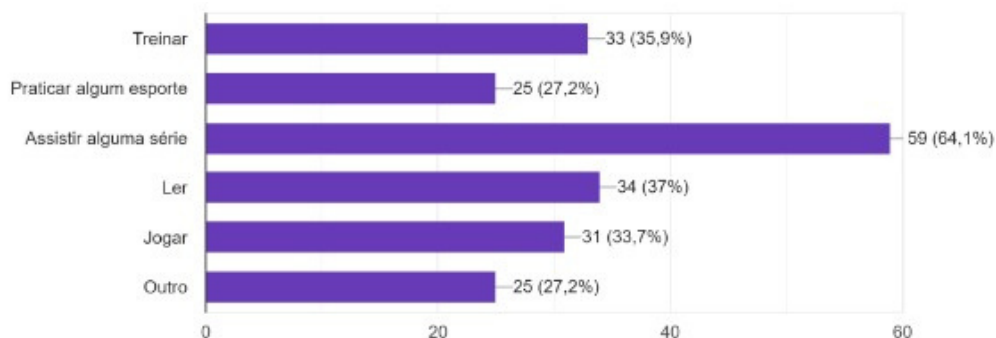
Como você se preparou?



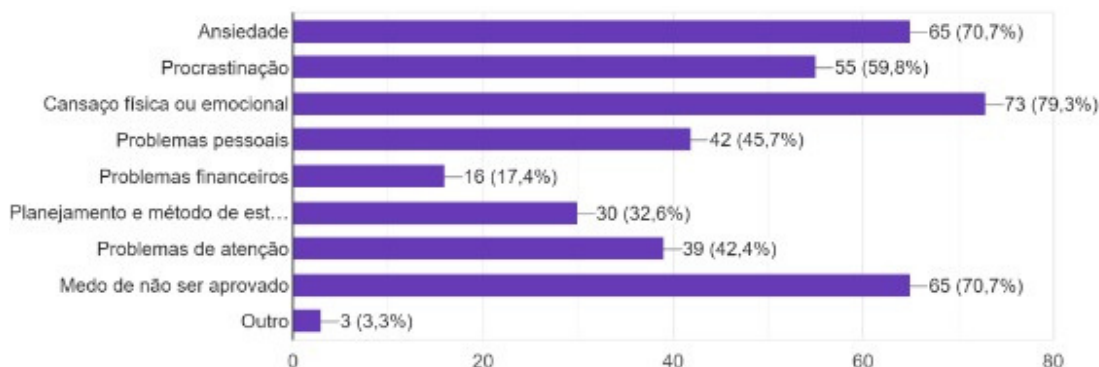
Qual foi seu sentimento logo após a prova?



O que você gostava de fazer no seu tempo livre durante sua preparação para o vestibular?



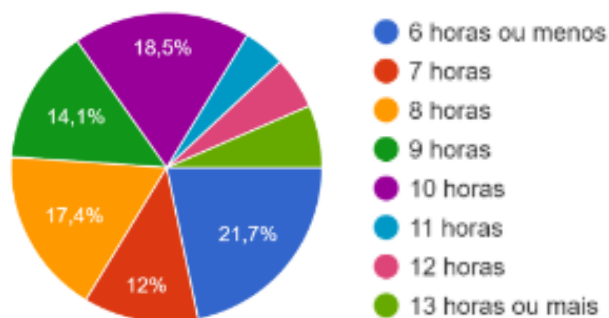
Quais problemas você enfrentou no seu tempo de preparação?



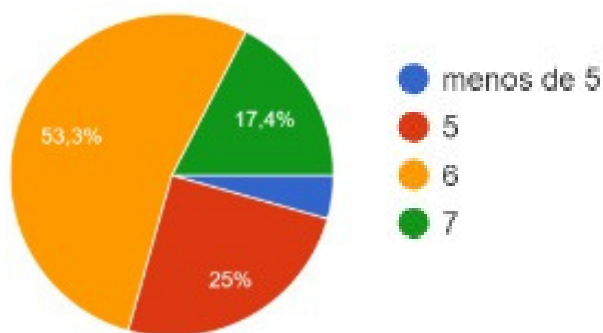
ESTATÍSTICAS

Perfil da turma

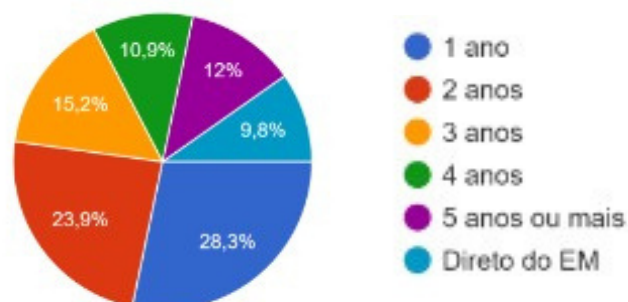
Quantas horas por dia você estudava?



Quantos dias na semana você estudava?



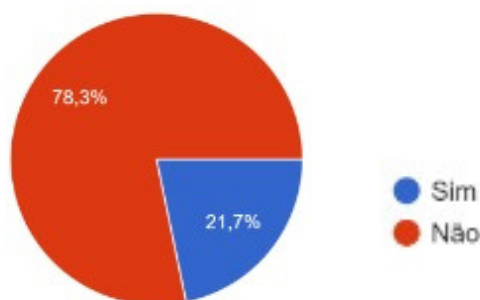
Quanto tempo de curso depois do EM até passar no vestibular?



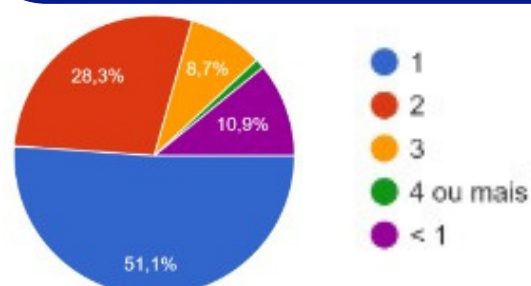
ESTATÍSTICAS

Perfil da turma

Fez cursinho de redação separado?



Quantas redações você fazia por semana?



Você praticava exercício físico?



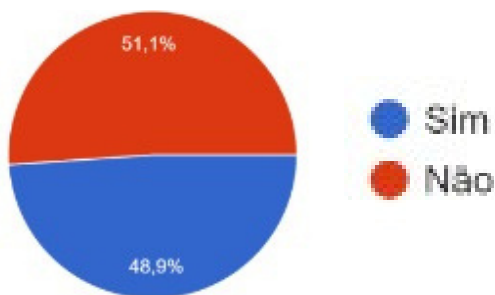
Você tinha outros compromissos diários?



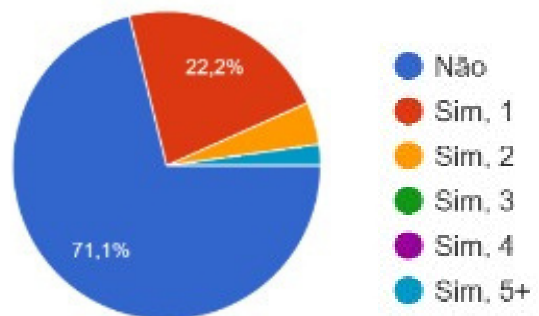
ESTATÍSTICAS

Perfil da turma

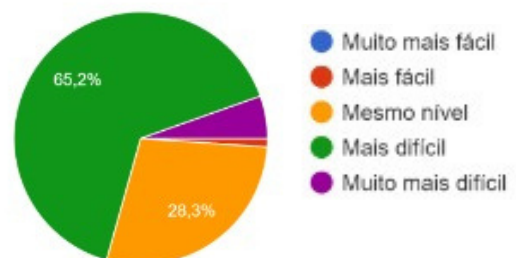
A UFRJ sempre foi sua primeira opção?



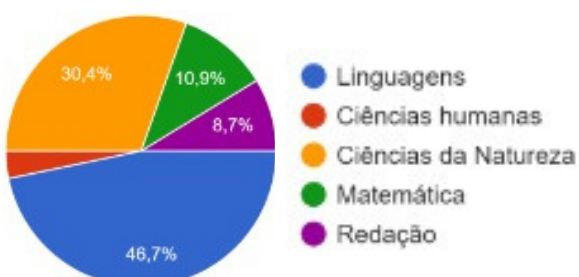
Foi aprovado em alguma outra faculdade pública de medicina?



Qual sua opinião do Enem 2022 em relação aos outros anos?



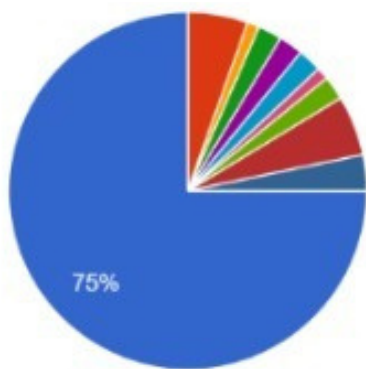
Com qual prova você tinha mais dificuldade?



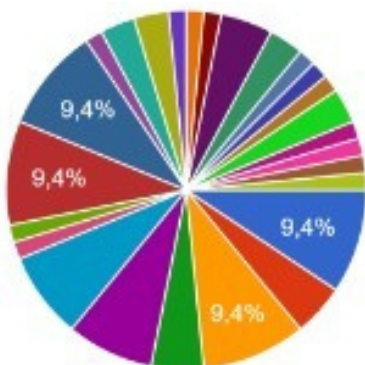
ESTATÍSTICAS

Perfil da turma

De onde você vem?



Qual cursinho você fez?





1	Diante a processo de colonização brasileira, iniciado no século XVI, a etnologia de dominação empregada pela
2	Coroa Portuguesa consistiu, além da violência física para a escravização dos povos nativos, na violência cultural, por meio
3	da desvalorização dos costumes desses povos e da imposição de seus próprios modelos de comportamento e religiosidade.
4	Como resultado desse desrespeito à alteridade, a hegemonia europeia foi estabelecida na América, e a identidade in-
5	dígena foi construída, com base, principalmente, em parâmetros estrangeiros. Por essa razão, atualmente, dois séculos após a Inde-
6	pendência, a importância da cultura nativa ainda não foi resgatada. Mesmo que a valorização de comunidades e povos tradi-
7	cionais - não só indígenas, mas também ciganos e pardos, por exemplo -, no Brasil, seja essencial para a diversidade cultural
8	do país, essa noção é ignorada para benefício de dinâmicas econômicas.
9	Primariamente, é preciso destacar a importância da valorização das populações tradicionais brasileiras para a for-
10	mação de uma noção rica em diversidade cultural. Para os estudos sociológicos, a convivência de diferentes formas de or-
11	ganização social e experiências culturais é de grande valor para a construção de uma comunidade plural, com aspectos identifi-
12	cários sólidos, na medida em que o contato mútuo entre perspectivas e realidades diversas amplia os noções de tolerân-
13	cia e de respeito na sociedade. Nesse sentido, a valorização dos povos tradicionais que têm como herança conhecimentos
14	das ancestrais é diversa: fazedor, transmitidos entre gerações por meio de seus padrões e seus rituais, é indispensável
15	para a formação de um acervo cultural nacional, extremamente rico, de acordo com a Sociologia.
16	Entretanto, essa valorização é negligenciada, principalmente, por conta de uma lógica mercadológica. De fato, mesmo
17	após o fim da dominação colonial, os povos originários do Brasil continuaram sob ameaça de violação de seus direitos,
18	diante da perpetuação das práticas exploratórias baseadas na dinâmica capitalista. Com o fortalecimento do licho
19	da Borracha, por exemplo, durante a Segunda Revolução Industrial, a atividade extrativista proibida e ilegal, na Améri-
20	ca, aumentou intensamente, de modo que a extração de látex coube, por povos tradicionais, formas de um artifício como
21	para a obtenção da látex das seringueiras. Nesse cenário, os conflitos agrários violentos ocasionaram o extermínio de
22	populações locais e, como consequência, a perda de suas tradições. Diante disso, é possível observar a valorização de
23	essas comunidades de acordo com a lógica de exploração de recursos naturais para geração de lucro.
24	Fica claro, portanto, que a valorização dos povos tradicionais, no país, apesar de ser importante para a diversidade
25	cultural, enfrenta desafios relacionados aos ideais capitalistas. Para mudar essa realidade, é preciso que, além de esta-
26	belar projetos educacionais que destaquem a necessidade de preservação dessas populações, o Estado institua ações
27	de combate às práticas ilegais de invasão de terras, por meio do aumento da fiscalização das áreas habitadas
28	por povos ameaçados. Isso pode ser feito, por exemplo, com o aumento da contingente de profissionais responsáveis por
29	essa segurança, a fim de garantir a sobrevivência dessas comunidades e, com isso, preservar seus valores. Assim, es-
30	pera-se que a importância da cultura nativa seja, enfim, resgatada e consolidada.

0301043_10_0478055_02_L1_007_D1_K0_ENEM2210401_M02_RJ_012_0104_T0118_0017031



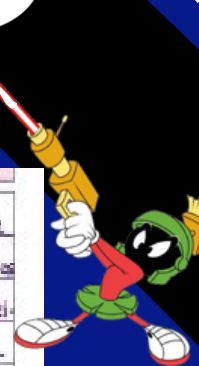
Transcrição

“Durante o processo de colonização brasileiro, iniciado no século XVI, a estratégia de dominação empregada pela Coroa Portuguesa consistia, além da violência física para a escravização dos povos nativos, na violência cultural, por meio da desvalorização dos costumes desses povos e da imposição de seus próprios conceitos de comportamento e religiosidade. Como resultado desse desrespeito à alteridade, a hegemonia europeia foi estabelecida na América, e a identidade nacional foi construída com base, principalmente, em princípios estrangeiros. Por essa razão, atualmente, dois séculos após a Independência, a importância da cultura nativa ainda não foi resgatada. Mesmo que a valorização de comunidades e povos tradicionais - não só indígenas, mas também ciganos e pescadores, por exemplo - no Brasil, seja essencial para a diversidade cultural do país, essa noção é ignorada para benefício de dinâmicas econômicas.

Primeiramente, é preciso destacar a importância da valorização das populações tradicionais brasileiras para a formação de uma nação rica em diversidade cultural. Para as ciências sociológicas, a coexistência de diferentes formas de organização social e expressão cultural é de grande valor para a construção de uma comunidade plural, com aspectos identitários sólidos, na medida em que o contato saudável entre perspectivas e realidades diversas amplia as noções de tolerância e de respeito na sociedade. Nesse sentido, a valorização dos povos tradicionais que têm como herança conhecimentos ancestrais diversificados, transmitidos entre gerações por meio de suas práticas e seus rituais, é indispensável para a formação de um acervo cultural nacional extremamente rico, de acordo com a Sociologia.

Entretanto, essa valorização é negligenciada, principalmente, por conta de uma lógica mercadológica. De fato, mesmo após o fim do domínio lusitano, os povos originários do Brasil continuaram sob ameaça de violação de seus direitos, diante da perpetuação das práticas exploratórias baseadas na dinâmica capitalista. Com o fortalecimento do Ciclo da Borracha, por exemplo, durante a Segunda Revolução Industrial, a atividade extrativista predatória e ilegal, na Amazônia, aumentou intensamente, de modo que a invasão de terras ocupadas por povos tradicionais tornou-se um artifício comum para a obtenção do látex das seringueiras. Nesse cenário, os conflitos agrários violentos ocasionaram o extermínio de populações locais e, como consequência, a perda de suas tradições. Diante disso, é possível relacionar a desvalorização dessas comunidades à lógica de exploração de recursos naturais para garantia de lucro.

Fica claro, portanto, que a valorização dos povos tradicionais, no país, apesar de ser importante para a diversidade cultural, enfrenta desafios relacionados aos ideais capitalistas. Para mudar essa realidade, é preciso que, além de estabelecer projetos educacionais que destaquem a necessidade de preservação dessas populações, o Estado institua ações de combate às práticas ilegais de invasão de terras, por meio do aumento da fiscalização das áreas habitadas por povos ameaçados. Isso pode ser feito, por exemplo, com o aumento do contingente de profissionais responsáveis por essa segurança, a fim de garantir a sobrevivência dessas comunidades e, com isso, preservar seus saberes. Assim, espera-se que a importância da cultura nativa seja, enfim, resgatada e consolidada.”



1 "Tu achas que sou uma selvagem / E que conheces o mundo / Tu pensas que esta terra te pertence." Os versos do filme
2 da Disney "Pocahontas" revelam a percepção de uma indígena norte-americana diante da chegada de colonizadores ingleses
3 em sua terra. Nesse contexto de desvalorização dos povos locais, evidencia-se a similaridade da obra com o cenário brasilei-
4 ro, dada a falta de reconhecimento atribuída às comunidades tradicionais do país. Dessa forma, os desafios para a valori-
5 zação de tais populações apoiam-se seja na carente abordagem do tema na educação e na mídia, seja na lógica pre-
6 datória do mercado capitalista vigente no território nacional.

7 Nesse viés, ~~uma~~ constata-se que as escolas e os aparatos de comunicação do Brasil, frequentemente, não se pre-
8 ocupam em proporcionar informações e discussões sobre a temática. Sob essa perspectiva, o conceito de "Epistemicídio",
9 cunhado pelo sociólogo Boaventura de Sousa Santos, revela o apagamento e a posterior morte de modos de vida, de saberes
10 e de valores de grupos sociais, bem como o favorecimento dos discursos do colonialismo em detrimento da diversidade cul-
11 tural. Tal ideia apresenta-se extremamente presente na sociedade brasileira, uma vez que, na maioria dos casos, as insti-
12 tuições escolares e os veículos midiáticos disseminam a cultura hegemônica, negligenciando as tradições dos povos origina-
13 rios — a exemplo da história do país ensinada nas salas de aula, baseada na perspectiva europeia, além dos filmes, das
14 músicas e das livros disseminados na mídia. Por conseguinte, por não ser suficientemente debatida nas principais instâncias
15 da nação, o reconhecimento dessas comunidades é dificultado, sendo, dessa maneira, silenciado no país.

16 Ademais, a economia do Brasil, baseada principalmente no lucro, é responsável por prejudicar a relação das popu-
17 lações tradicionais com a terra, sua principal fonte de sobrevivência. Diante disso, o "Princípio da responsabilidade", ideia
18 desenvolvida pelo filósofo Ham Jonas, defende que os seres humanos devem tomar decisões comprometidas com a coletivi-
19 dade e com o futuro social, e não apenas com interesses individuais a curto prazo. No entanto, observa-se que as autori-
20 dades governamentais não cumprem tal proposta, pois as demandas das sociedades dependentes diretamente da natureza
21 são gravemente afetadas perante a expansão da fronteira agropecuária, os queimados e os desmatamentos — práticas de in-
22 teresse ao agronegócio, indústria altamente lucrativa. Logo, a irresponsabilidade do poder público impede a garantia da digni-
23 dade dos povos locais, os quais têm sua fonte de moradia, de alimentação e de tradições destruídas.

24 Portanto, frente à negligência da educação e da mídia e à lógica predatória do mercado econômico, cabe ao Ministério
25 da Educação, a fim de promover maior reconhecimento às comunidades originárias no cenário nacional, ampliar a discussão so-
26 bre esses indivíduos nas instituições de ensino e na mídia, por meio da veiculação de campanhas educativas nos aparatos
27 de comunicação e da realização de palestras mensais sobre o assunto nas escolas — as quais devem contar com a participa-
28 ção de povos locais. Além disso, o Ministério Público deve minimizar a degradação do meio ambiente brasileiro, por intermédio
29 da elaboração de legislações e de fiscalizações mais rígidas para as empresas do agronegócio, com o objetivo de garantir o di-
30 reito pleno à terra para as comunidades tradicionais. Assim, o sentimento de Pocahontas não será reproduzido pelos sujeitos.

Transcrição

““Tu achas que sou uma selvagem/ E que conheces o mundo/ Tu pensas que esta terra te pertence”. Os versos do filme da Disney “Pocahontas” revelam a percepção de uma indígena norte-americana diante da chegada de colonizadores ingleses em sua terra. Nesse contexto de desvalorização dos povos locais, evidencia-se a similaridade da obra com o cenário brasileiro, dada a falta de reconhecimento atribuída às comunidades tradicionais do país. Dessa forma, os desafios para a valorização de tais populações apoiam-se seja na carente abordagem do tema na educação e na mídia, seja na lógica predatória do mercado capitalista vigente no território nacional.

Nesse viés, constata-se que as escolas e os aparatos de comunicação do Brasil, frequentemente, não se preocupam em proporcionar informações e discussões sobre a temática. Sob essa perspectiva, o conceito de “Epistemicídio”, cunhado pelo sociólogo Boaventura de Souza Santos, revela o apagamento e a posterior morte de modos de vida, de saberes e de valores de grupos sociais, bem como o favorecimento dos desígnios do colonialismo em detrimento da diversidade cultural. Tal ideia apresenta-se extremamente presente na sociedade brasileira, uma vez que, na maioria dos casos, as instituições escolares e os veículos midiáticos disseminam a cultura hegemônica, negligenciando as tradições dos povos originários — a exemplo da história do país ensinada nas salas de aula, baseada em uma perspectiva europeia, além dos filmes, das músicas e dos livros disseminados na mídia. Por conseguinte, por não ser suficientemente debatido nas principais instâncias da nação, o reconhecimento dessas comunidades é dificultado, sendo, dessa maneira, silenciado no país.

Ademais, a economia do Brasil, baseada principalmente no lucro, é responsável por prejudicar a relação das populações tradicionais com a terra, sua principal fonte de sobrevivência. Diante disso, o “Princípio da responsabilidade”, ideia desenvolvida pelo filósofo Hans Jonas, defende que os seres humanos devem tomar decisões comprometidas com a coletividade e com o futuro social e ambiental, não apenas com os interesses individuais a curto prazo. No entanto, observa-se que as autoridades governamentais não cumprem tal proposta, pois as demandas das sociedades dependentes diretamente da natureza são gravemente afetadas perante a expansão da fronteira agropecuária, as queimadas e os desmatamentos — práticas de interesse ao agronegócio, indústria altamente lucrativa do país. Logo, a irresponsabilidade do poder público impede a garantia da dignidade dos povos locais, os quais têm sua fonte de moradia, de alimentação e de tradições destruída.

Portanto, frente à negligência da educação e da mídia e à lógica predatória do mercado econômico, cabe ao Ministério da Educação, a fim de promover maior reconhecimento às comunidades originárias no cenário nacional, ampliar a discussão sobre esse tema nas instituições de ensino e na mídia, por meio da veiculação de campanhas educativas nos veículos de comunicação e da realização de palestras mensais sobre o assunto nas escolas — as quais devem contar com a participação dos povos locais. Além disso, o Ministério Público deve minimizar a degradação do meio ambiente brasileiro, por intermédio da elaboração de legislações e de fiscalizações mais rígidas para as empresas do agronegócio, com objetivo de garantir o direito pleno à terra a essas comunidades. Assim, o sentimento de Pocahontas não será reproduzido nesses sujeitos.”



No filme "Jaima" é abordada a história de uma indígena, de nome homônimo, que luta pela preservação da floresta onde vive, ameaçada ~~por~~ de invasão pelas madeiras. Assim como na obra, as povos tradicionais do Brasil enfrentam diariamente a invasão de suas terras e a violação de seus direitos, o que evidencia a desvalorização dessas comunidades pelo país. Nesse sentido, faz-se necessário abordar os alienígenas da reduzida valorização desses grupos, a citar, a inconstância das leis de proteção ^{tema} e a omissão midiática, a fim de mitigar esse impasse.

Nesse caso, é necessário pontuar que a legislação que protege as terras dos povos tradicionais é desrespeitada constantemente, o que desvaloriza essas comunidades. Sob essa lógica, o escritor Gilberto Dimenstein alude em seu livro "Cidadão de Bpi" a pouca aplicação das leis no Brasil, que existem apenas no papel. ~~Assim~~ Com base na lógica dimensteiniana, as normas que limitam o acesso sobre territórios de grupos originários, muito ^{violadas} ~~protegidas~~ por latifundiários e pela indústria madeireira, não são suficientes para impedir a ocorrência desses crimes. Com efeito, ^{essa} população, como as indígenas e quilombolas, não desrespeitadas com a invasão de suas terras. Assim, a partir da inconstância legislativa tem-se o aumento da desvalorização desses grupos.

Ademais, nota-se que a pouca visibilidade midiática acentua a desvalorização das populações tradicionais. Acresce disso, o sociólogo Hugo Habermas pontua que a razão comunicativa é essencial para o desenvolvimento social, o que evidencia a importância de promover debates para a resolução de problemas sociais. Nesse sentido, a ^{crimes} ~~proteção~~ dos veículos de mídia a respeito dos ^{crimes} ~~problemas~~ enfrentados pelas comunidades originárias, faz com que a discussão sobre esse cenário seja infrequente. Por conseguinte, a propagação de soluções para uma maior valorização desses grupos é pouco debatida, o que mantém essa problemática ocorrendo.

Portanto, torna-se imprescindível a criação de medidas que minimizem essa violação. Nessa lógica, o Governo Federal deve aumentar a rigidez das terras dos povos tradicionais, por meio de policiamento dessas áreas, uma vez que as leis não são suficientes, a fim de efetivar os direitos dessas comunidades. Somado a isso, Organizações não-governamentais podem ^{promover} ~~promover~~ uma maior visibilidade dessa temática, a partir da criação de campanhas na mídia, ^{com} ~~com~~ o objetivo de criar ^{debates} ~~debates~~ acerca disso. Se assim não possível valoriza as populações tradicionais, como o fez Jaima.

“No filme “Tainá” é abordada a história de uma indígena, de nome homônimo, que luta pela preservação da floresta onde vive, ameaçada de invasão pelos madeireiros. Assim como na obra, os povos tradicionais do Brasil combatem diariamente a invasão de suas terras e a violação de seus direitos, o que evidencia a desvalorização dessas comunidades pelo país. Nesse sentido, faz-se necessário abordar os alicerces da reduzida valorização desses grupos, a citar, a insuficiência das leis de proteção à terra e a omissão midiática, a fim de mitigar esse impasse. Nesse viés, é necessário pontuar que a legislação que protege as terras dos povos tradicionais é desrespeitada constantemente, o que desvaloriza essas comunidades. Sob essa lógica, o escritor Gilberto Dimenstein elucida em seu livro “Cidadãos de Papel” a pouca aplicação das leis no Brasil, que existem apenas na teoria. Com base na lógica dimensteniana, as normas que limitam o avanço sobre territórios de grupos originários, muito violadas por latifundiários e pela indústria madeireira, não são suficientes para impedir a ocorrência desses crimes. Com efeito, essas populações, como as indígenas e quilombolas, são desrespeitadas com a invasão de suas terras. Assim, a partir da insuficiência legislativa tem-se o aumento da desvalorização desses grupos.

Ademais, nota-se que a pouca visibilidade midiática acentua a desvalorização das populações tradicionais. Acerca disso, o sociólogo Huguen Habernes pontua que a razão comunicativa é essencial para o desenvolvimento social, o que evidencia a importância de promover debates para a resolução de problemas sociais. Nesse sentido, a omissão dos veículos de mídia a respeito dos embates enfrentados pelas comunidades originárias faz com que a discussão sobre esse cenário seja enfraquecida. Por conseguinte, a proposição de soluções para uma maior valorização desses grupos é pouco debatida, o que mantém essa problemática ocorrendo.

Portanto, torna-se imprescindível a criação de medidas que minimizem essa mazela. Nessa lógica, o Governo Federal deve aumentar a vigilância das terras dos povos tradicionais, por meio do policiamento dessas áreas, uma vez que as leis não são suficientes, a fim de efetivar os direitos dessas comunidades. Somado a isso, organizações-não-governamentais (ONG's) podem promover uma maior visibilidade dessa temática, a partir da criação de campanhas nos veículos de mídia com o objetivo de criar debates acerca disso. Só assim será possível valorizar as populações tradicionais, como o fez Tainá.”



1 Ao longo do processo de colonização do Brasil, o romantismo, movimento artístico e cultu-
2 ral de origem europeia, influenciou as obras produzidas no país. Essa estética foi responsável
3 por criar uma imagem idealizada dos povos nativos, enquanto os verdadeiros costumes foram invi-
4 sibilizados para atender ao projeto colonizador. Ainda hoje, é possível perceber as marcas desse fe-
5 nômeno, na medida em que grande parte da população brasileira ^{não} ~~não~~ valoriza a verdadeira identidade das
6 comunidades e povos tradicionais. Nesse sentido, a questão permanece como um desafio, devido a aspectos sociais e econômicos.

7 Em primeira análise, é fundamental perceber que o problema fundamenta-se no contexto social. O pedagogo Paulo
8 Freire, ao observar a ~~educação~~ educação tradicional, desenvolveu o conceito de "Educação Bancária", isto é, a esco-
9 la deposita conteúdos nos alunos sem promover o pensamento crítico. Isso é visto na realidade brasileira, haja
10 vista as muitas horas dedicadas a disciplinas clássicas, como português e matemática, enquanto o mesmo
11 não acontece com sociologia ou física, por exemplo. Nesse contexto educacional limitado, os alunos
12 não são devidamente apresentados à história e à cultura da diversidade de povos que habitam no país. Com
13 isso, os estudantes são formados a partir da perspectiva dos colonizadores e são incapazes de compreender a im-
14 portância das comunidades tradicionais para a identidade nacional. Assim, o sistema educacional vigente
15 corrobora o problema, já que não é possível valorizar aquilo que não é plenamente conhecido.

16 Ademais, é importante notar que a conjuntura econômica influencia a questão. Segundo o filósofo
17 Nietzsche, "Deus está morto" e o capital comanda ~~a~~ a dinâmica contemporânea em detrimento da ~~re-~~
18 ~~ligião~~ religiosidade. Essa análise pode ser percebida no país, já que a relação sagrada que os povos
19 originários cultivam com a natureza é desrespeitada pela ambição do agronegócio. Isso ocorre quan-
20 do grandes latifundiários e garimpeiros desmatam as florestas e invadem os territórios indígenas, qui-
21 lombolas e ribeirinhos, para aumentar a produção agropecuária intensiva e a exploração de metais.
22 Isso acontece porque o próprio Estado é negligente com a fiscalização, já que a economia brasileira
23 é extremamente dependente da produção das commodities para exportação. Assim, os interesses finan-
24 ceiros são priorizados em detrimento das comunidades tradicionais, o que evidencia a teoria do filósofo.

25 Portanto, a valorização de comunidades e povos tradicionais no Brasil enfrenta desafios no âmbito soci-
26 al e econômico. É essencial que a ~~escola~~ escola melhore a educação, por meio de uma reforma na base
27 curricular. Isso pode ocorrer, por exemplo, com a inclusão de história e arte dos povos tradicionais, a fim
28 de formar cidadãos que valorizem a diversidade ^{dos} ~~de~~ povos brasileiros. Não menos importante, o Estado deve
29 aprimorar as ferramentas de fiscalização e punir os infratores. Dessa forma, a visão romântica
30 ficará distante da realidade brasileira e a verdadeira valorização poderá ser atingida.

“Ao longo do processo de colonização do Brasil, o romantismo, movimento artístico e cultural de origem europeia, influenciou as obras produzidas no país. Essa estética foi responsável por criar uma imagem idealizada dos povos nativos, enquanto os verdadeiros costumes foram inviabilizados para atender ao projeto colonizador. Ainda hoje, é possível perceber as marcas desse fenômeno, na medida em que grande parte da população brasileira não valoriza a verdadeira identidade das comunidades e povos tradicionais. Nesse sentido, a questão permanece como um desafio, devido a aspectos sociais e econômicos.

Em primeira análise, é fundamental perceber que o problema fundamenta-se no contexto social. O pedagogo Paulo Freire, ao observar a educação tradicional, desenvolveu o conceito de "Educação Bancária", isto é, a escola deposita conteúdo nos alunos sem promover o pensamento crítico. Isso é visto na realidade brasileira, haja vista as muitas horas dedicadas a disciplinas clássicas, como português e matemática, enquanto o mesmo não acontece com sociologia ou filosofia, por exemplo. Nesse contexto educacional limitado, os alunos não são devidamente apresentados à história e à cultura da diversidade de povos que habitam no país. Com isso, os estudantes são formados a partir da perspectiva dos colonizadores e são incapazes de compreender a importância das comunidades tradicionais para a identidade nacional. Assim, o sistema educacional vigente corrobora o problema, já que não é possível valorizar aquilo que não é plenamente conhecido.

Ademais, é importante notar que a conjuntura econômica influencia a questão. Segundo o filósofo Nietzsche, "Deus está morto" e o capital comanda a dinâmica contemporânea em detrimento da religiosidade. Essa análise pode ser percebida no país, já que a relação sagrada que os povos originários cultivam com a natureza é desrespeitada pela ambição do agronegócio. Isso ocorre quando grandes latifundiários e garimpeiros desmatam as florestas e invadem os territórios indígenas, quilombolas e ribeirinhos, para aumentar a produção agropecuária intensiva e a exploração de metais. Isso acontece porque o próprio Estado é negligente com a fiscalização, já que a economia brasileira é extremamente dependente da produção das commodities para exportação. Assim, os interesses financeiros são priorizados em detrimento das comunidades tradicionais, o que evidencia a teoria do filósofo.

Portanto, a valorização de comunidades e povos tradicionais no Brasil enfrenta desafios no âmbito social e econômico. É essencial que a escola melhore a educação, por meio de uma reforma na base curricular. Isso pode ocorrer, por exemplo, com a inclusão de história e arte dos povos tradicionais, a fim de formar cidadãos que valorizem a diversidade dos povos brasileiros. Não menos importante, o Estado deve aprimorar as ferramentas de fiscalização e punir os infratores. Dessa forma, a visão romântica ficará distante da realidade brasileira e a verdadeira valorização poderá ser atingida.”



1 No livro "O Cidadão de Papel", do jornalista Gilberto Dimenstein, a denúncia da ineficácia
2 de diversos mecanismos legais é feita, ~~em~~ evidenciando uma cidadania de papel — metáfora utilizada
3 pelo autor. Nesse sentido, pode-se relacionar essa situação ao que ocorre no Brasil, por exemplo, os
4 desafios para a valorização de comunidades e de povos tradicionais. Isso é causado pela descara go-
5 vernamental e pela irracionalidade, fatos que perpetuam esse problema.

6 De acordo com a Constituição de 1988, apelidada de cidadã, direitos básicos, como igualdade, de-
7 veriam ser assegurados à população. Entretanto, isso não ocorre na prática, haja vista os de-
8 safios para a valorização de comunidades e de povos tradicionais. Esse problema é decorrente
9 do amplo descara governamental refletido nos precários programas de inclusão social, os quais
10 não contribuem, efetivamente, nem para a divulgação de saberes nem para a preservação de po-
11 vos tradicionais, que, na maioria das vezes, são tratados como inferiores. Como consequência, he-
12 verá, cada vez mais, uma padronização cultural, uma extinção de saberes e uma desvalorização de
13 indivíduos — uma vez que os conhecimentos primitivos são menosprezados. Nessa continuidade,
14 Dimenstein tem razão em metaforizar a cidadania de muitos a uma folha de papel, já que direi-
15 tos, como igualdade, encontram-se somente na teoria.

16 Além disso, de acordo com o conceito de "Bondade do Mal", trazido pela filósofa
17 Hannah Arendt, quando uma atitude hostil ocorre constantemente, as pessoas passam a vê-la
18 como bondade. Dessa forma, isso evidencia os desafios para a valorização de comunidades e de
19 povos tradicionais, configurando a trivialização da maldade que, para Arendt, pode ser compre-
20endida quando há uma falta de ~~reflexão~~ reflexão sobre os males ao redor dos indivíduos.

21 Nesse viés, é notório que, devido ao baixo pensamento crítico da população, muitas cidadãos
22 não pensam acerca da importância dos povos tradicionais e, com isso, não lutam pela valoriza-
23 ~~ção~~ção dessas comunidades. Por consequência, diversas pessoas — integrantes de povos tra-
24 dicionais — sofrerão problemas, como invasão de terras, homicídios e preconceitos — xenofobia.

25 É necessário, portanto, que o Governo Federal, como responsável pelo bem-estar social, crie
26 um programa de valorização de comunidades e de povos tradicionais. Essa ação será realizada
27 por meio da criação de uma lei, a qual irá garantir a preservação desses indivíduos e a
28 divulgação de campanhas de conscientização nas escolas. Destarte, isso tem o intuito de
29 remediar não somente o amplo ~~descara~~ descara governamental, mas também a irracionalidade,
30 efetivando o assegurado na Constituição.

0301643_ID_00242459_03_L1_014_D1_R0_ENEM2210401_N02_M03_001_F001.TXT / S: 0025048

“No livro “O Cidadão de Papel”, do jornalista Gilberto Dimenstein, a denúncia da ineficácia de diversos mecanismos legais é feita, evidenciando uma cidadania de papel - metáfora utilizada pelo autor. Nesse sentido, pode-se relacionar essa situação ao que ocorre no Brasil, por exemplo, os desafios para a valorização de comunidades e de povos tradicionais. Isso é causado pelo descaso governamental e pela irracionalidade, fatos que perpetuam esse problema.

De acordo com a Constituição de 1988, apelidada de cidadã, direitos básicos, como igualdade, deveriam ser assegurados à população. Entretanto, isso não ocorre na prática, haja vista os desafios para a valorização de comunidades e de povos tradicionais. Esse problema é decorrente do amplo descaso governamental refletido nos precários programas de inclusão social, os quais não contribuem, efetivamente, nem para a divulgação de saberes nem para a preservação de povos tradicionais que, na maioria das vezes, são tratados como inferiores. Como consequência, haverá, cada vez mais, uma padronização cultural, uma extinção de saberes e uma desvalorização de indivíduos - uma vez que os conhecimentos primitivos são menosprezados. Nessa continuidade, Dimenstein tem razão em metaforizar a cidadania de muitos a uma folha de papel, já que direitos, como igualdade, encontram-se somente na teoria.

Além disso, de acordo com o conceito de “Banalidade do Mal”, trazido pela filósofa Hannah Arendt, quando uma atitude hostil ocorre constantemente, as pessoas passam a vê-la como banal. Dessa forma, isso evidencia os desafios para a valorização de comunidades e de povos tradicionais, configurando a trivialização da maldade que, para Arendt, pode ser compreendida quando há uma falta de reflexão sobre os males ao redor dos indivíduos. Nesse viés, é notório que, devido ao baixo pensamento crítico da população, muitos cidadãos não pensam acerca da importância dos povos tradicionais e, com isso, não lutam pela valorização dessas comunidades. Por consequência, diversas pessoas - integrantes de povos tradicionais - sofrerão problemas, como invasão de terras, homicídios e preconceitos - xenofobia.

É necessário, portanto, que o Governo Federal, como responsável pelo bem-estar social, crie um programa de valorização de comunidades e de povos tradicionais. Essa ação será realizada por meio da criação de uma lei, a qual irá garantir a preservação desses indivíduos e a divulgação de campanhas de conscientização nas escolas. Destarte, isso tem o intuito de remediar não somente o amplo descaso governamental, mas também a irracionalidade, efetivando o assegurado na Constituição.”

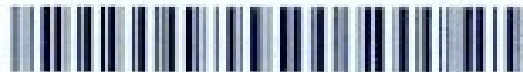


1 A cultura de arte moderna, entre literária e visual, em 1922, foi marcada pela grande valorização dos
2 povos indígenas nas letras dos intelectuais brasileiros, pois na literatura de a formação da identidade nacional.
3 Entretanto, a realidade social não se encontra no exemplo literário, já que a tradicionalidade não é preservada
4 sem necessariamente poder adotar modernidade. Nesse sentido, o texto sugere a necessidade de reconhecer a presença
5 indígena no Brasil e a presença, problemática que é marcada pela ausência de ações efetivas e
6 pela ausência de capitalização.

7 Em primeira instância, o governo brasileiro não propôs a o reconhecimento adequado dos povos indígenas.
8 De fato, a valorização pública só teve um bom desenvolvimento com, por exemplo, o dia do Índio. Contudo,
9 não há campanhas educacionais e publicitárias consistentes ao longo do ano que valorizem seus grupos
10 como formadores da cultura nacional. Depois o exemplo Brasil 2000, o reconhecimento é o mesmo antes
11 de fortalecimento social. Nessa perspectiva, por não haver uma valorização no movimento cultural, grande
12 parte da sociedade contemporânea mantém os costumes tradicionais apenas em festas e comemorações,
13 desconsiderando as práticas de grupos e povos marcadas especialmente pela legislação brasileira. Assim, a
14 obra sempre fidedigna é importante por registrar os costumes tradicionais brasileiros.

15 Entretanto, a diversidade capitalista moderna é caracterizada por inferiorizar a ancestralidade cultural.
16 De fato, a lógica mercantil da atualidade sempre coloca os valores de modo tradicional, pois que, segundo
17 dados do IBGE, muitos povos indígenas são fortemente marginalizados e têm acesso por oportunidades de formação.
18 De modo que a valorização cultural dentro, a valorização mercantil proporciona a perda de valores e valores
19 como mais valorizáveis. Nesse sentido, a valorização indígena da vida pública ignora a valorização de
20 capital em relação ao cultural, o que provoca a perda dos valores culturais dos povos tradicionais do
21 Brasil. Nessa concepção, credito não reconhece para entender sua cultura contemporânea.

22 Toma-se ainda, portanto, que a sempre presença do Estado Nacional e o fortalecimento de capitalização
23 fortalecem a presença valorização de comunidades e povos tradicionais no Brasil. Logo, não se reconhece de uma
24 valorização social através de práticas educativas mesmo com ações divulgadas e informativas dos grupos sociais para
25 a cultura brasileira. Tal prática tem sempre de fortalecer em governo com políticas e um reconhecimento por meio de
26 uma visão de um futuro compartilhado, a fim de fortalecer e fortalecer todos os povos tradicionais do país. Por isso
27 também, o Ministério da Educação deve monitorar os projetos que dizem respeito aos procedimentos das leis
28 que visam a fortalecer o desenvolvimento econômico e social. Com esse tipo de reconhecimento por
29 meio de ações educativas que não reconheçam o ambiente e o fortalecimento dos povos tradicionais e da qualidade
30 de sua educação, por exemplo. Dessa forma, o objetivo de levar a vida cultural além da perda da ancestralidade.



“A semana da Arte moderna, evento literário ocorrido em 1922, ficou marcada pela grande valorização dos povos tradicionais nos livros dos intelectuais brasileiros, pois buscava-se a formação da identidade nacional. Entretanto, a realidade atual vai de encontro ao exemplo literário, já que a tradicionalidade não é reconhecida como antigamente pelos cidadãos modernos. Nesse sentido, o engrandecimento de comunidades e povos tradicionais no Brasil é precário, problemática que é mantida pela ausência da ação estatal efetiva e pela dinâmica do capitalismo.

Em primeira instância, o governo brasileiro não proporciona o reconhecimento adequado aos povos tradicionais. De fato, a valorização pública só ocorre em datas comemorativas como, por exemplo, o dia do índio. Contudo, não há campanhas educacionais e publicitárias constantes ao longo do ano que valorizem esses grupos sociais formadores da cultura nacional. Segundo o sociólogo Francis Bacon, o conhecimento é o maior meio de fortalecimento social. Nessa perspectiva, por não haver uma constância no enobrecimento cultural, grande parte da sociedade contemporânea resume as comunidades tradicionais apenas em Índios e Quilombolas, desconhecendo os outros 26 povos reconhecidos oficialmente pela legislação brasileira. Assim, a má atuação federal é responsável por arquitetar esse lastimável panorama atual.

Outrossim, a dinâmica capitalista moderna é caracterizada por inferiorizar a ancestralidade cultural. De certo, a lógica monetária da atualidade avança sobre assuntos de cunho tradicional, posto que, segundo dados do IBGE, muitas terras indígenas são fortemente invadidas e tomadas por garimpeiros na Amazônia. De acordo com o geógrafo Milton Santos, a globalização monetária proporciona a perda de direitos aos membros sociais mais vulneráveis. Nesse sentido, a valorização inadequada da esfera pública justifica a sobreposição do capital em relação ao cultural, o que produz a perda dos saberes ancestrais dos povos construtores do Brasil. Dessa maneira, medidas são necessárias para contornar essa situação contemporânea.

Torna-se evidente, portanto, que a atuação péssima do Estado Federal e o funcionamento do capitalismo fomentam a precária valorização de comunidades e povos tradicionais no Brasil. Logo, cabe ao Ministério do Desenvolvimento social elaborar cartilhas educativas mensais nas escolas divulgando a importância dos grupos ancestrais para a cultura brasileira. Tal projeto terá atuação de historiadores em parceria com sociólogos e será realizado por meio da criação de um fundo orçamentário, a fim de fortalecer e divulgar todos os 26 povos tradicionais do país. Paralelamente, o Ministério da Economia deve monitorar as empresas que atuam nas proximidades dos locais que residem as diversas comunidades tradicionalmente culturais. Essa ação irá ser constituída por multas aos empresários que não respeitarem o ambiente e as tradições dos pescadores artesanais e das quebradeiras de coco babaçu, por exemplo. Dessa forma, o objetivo da Semana da Arte moderna estará presente na atualidade.”



1 A obra "Tracima", de José Clemente, apresenta uma visão idealizada da população indígena, a qual
2 foi atrelada à tentativa de valorizar a cultura nacional. Todavia, observava-se que os povos e as comunidades
3 de tradicionais ainda não eram devidamente negligenciados, de modo que o reconhecimento proposto por Clemente
4 é restrito aos aspectos literários. Nesse contexto, para combater tal problemática, cabe analisar como
5 principais desafios a educação excludente e a sociedade preconceituosa.

6 De início, considera-se que as instituições educacionais, ao abordarem insuficientemente a histó-
7 ria e a cultura dos povos originários, perpetuam ideias que não valorizam essas comunidades. De acordo
8 com Paulo Freire, no livro "Pedagogia da Autonomia", a escola possui o dever de ensinar as cores distintas
9 e o conhecimento necessário para que o aluno entenda a realidade em que está inserido. Com base nessa ide-
10 gica, o sistema educacional vigente centrava a maioria dos educadores brasileiros, por quanto falha em
11 prever e aprofundar a busca dos núcleos sociais nativos, isto é, quem eram os estudantes indígenas
12 de compreender o passado e o presente do país. ^{Quase sempre} Portanto, grande parte da população brasileira é vinculada à du-
13 ta indígena e quilombola pela demarcação de terras e pela preservação da biodiversidade, já que essas assun-
14 tes não são debatidas na sala de aula. Assim, nota-se que o atual modelo de educação invisibiliza as co-
15 munidades e os povos tradicionais, como resultado, perpetua a cruel alienação de cores sociais.

16 Ademais, vale acrescentar que, além de desrespeitamento, a população desvaloriza as pontas velozes
17 das a grupos originários devido à discriminação de diferentes culturas. Segundo Hannah Arendt, a socie-
18 dade cultiva uma utilidade seletiva, isto é, ela reconhece a humanidade em pessoas semelhantes,
19 ^{ou seja} por exemplo, de mesma etnia que a parcela hegemônica. Em contradição com o pensamento da socióloga alemã, é
20 comum que cidadãos urbanos, com hábitos e valores divergentes dos povos tradicionais, propaguem discursos
21 preconceituosos, por exemplo, às comunidades indígenas. Sob esse viés, cria-se um novo panorama de inte-
22 lidação, o qual pode gerar conflitos físicos e verbais, que cerceiam a cidadania da população populacional originá-
23 ria. Dessa forma, infere-se que, para respeitar e preservar a cultura dos povos nativos, é indispensável
24 que o Governo promova mais conscientemente atos de respeito na sociedade nacional.

25 Portanto, torna-se evidente a urgência de valorizar as comunidades tradicionais brasileiras. Nesse senti-
26 do, cabe ao Ministério da Educação — órgão responsável por sensibilizar a nação — implementar aulas que abordem
27 a história e a cultura de povos originários. Tal ação é concretizada pela adição de uma matéria específica sobre os
28 assuntos na Base Nacional Comum Curricular, visto que esse documento direciona as políticas educacionais
29 no país. Conclui-se, tal medida objetiva combater a falta de informação e o preconceito no que tange à população
30 nativa e, principalmente, no futuro, possibilitar que a valorização presente em "Tracima" seja uma obra de referência.

OS01043_ID_04829396_04_L1_009_D1_K0_ENEM2210401_N02_RJ_002_G034.TXT / S: 0015718

“A obra “Iracema”, de José Alencar, apresenta uma visão idealizada da população indígena, a qual foi atrelada à tentativa de valorizar a cultura nacional. Todavia, observa-se que os povos e as comunidades tradicionais ainda são perversamente negligenciados, de modo que o reconhecimento proposto por Alencar é restrito ao universo literário. Nesse contexto, para combater tal problemática, cabe analisar como principais desafios a educação excludente e a sociedade preconceituosa.

De início, considera-se que as instituições educacionais, ao abordarem insuficientemente a história e a cultura dos povos originários, formam cidadãos que não valorizam essas comunidades. De acordo com Paulo Freire, no livro “Pedagogia da Autonomia”, a escola possui o dever de ensinar ao corpo discente o conhecimento necessário para que o aluno entenda a realidade em que está inserido. Com base nessa lógica, o sistema educacional vigente contraria a máxima do educador brasileiro, por quanto falha em promover o aprendizado profundo acerca dos núcleos sociais nativos, fato que torna os estudantes incapazes de compreender o passado e o presente do país. A esse respeito, grande parte da população brasileira é indiferente à luta indígena e quilombola pela demarcação de terras e pela preservação da biodiversidade, já que esses assuntos não são debatidos na sala de aula. Assim, nota-se que o atual modelo de educação invisibiliza as comunidades e os povos tradicionais e, como resultado, fomenta a cruel alienação do corpo social.

Ademais, vale acrescentar que, além do desconhecimento, a população desvaloriza as pautas relacionadas a grupos originários devido à discriminação de diferentes culturas. Segundo Hannah Arendt, a sociedade cultiva uma solidariedade seletiva, isto é, só reconhece a humanidade em pessoas semelhante, ou seja, de mesma etnia que a parcela hegemônica. Em conformidade com o pensamento da socióloga alemã, é comum que cidadãos urbanos, com hábitos e valores divergentes dos povos tradicionais, propaguem discursos preconceituosos, por exemplo, às comunidades indígenas. Sob esse viés, cria-se um nocivo panorama de intolerância, o qual pode gerar agressões físicas e verbais, que cerceiam a cidadania da fração populacional originária. Dessa forma, infere-se que, para respeitar e preservar a cultura dos povos nativos, é indispensável que o Governo puna mais severamente atos de preconceito no território nacional.

Portanto, torna-se evidente a urgência de valorizar as comunidades tradicionais brasileiras. Nesse sentido, cabe ao Ministério da Educação - órgão responsável por sensibilizar a nação - implementar aulas que abordem a história e a cultura de povos originários. Tal ação se concretizará pela adição de uma matéria específica sobre esse assunto na Base Nacional Comum Curricular, visto que esse documento direciona as políticas educacionais no país. Com efeito, tal medida objetiva coibir a falta de informação e o preconceito no que tange à população nativa e, finalmente, no futuro, possibilitar que a valorização presente em “Iracema” ocorra fora do romance.”



1 Osvaldo de Andrade, Tarsila do Amaral e Anita Malfatti: todos esses são nomes do movimento modernista brasileiro,
2 o qual, por meio da arte e da literatura, buscou fundir a identidade nacional e empoderar a irracionalidade local. Na ~~atual~~
3 atualidade, nota-se, por outro lado, que a outrora tão almejada valorização dos povos e das comunidades originárias vem
4 perdendo força devido aos desafios vigentes. Nesse contexto, é importante notar o desconhecimento popular e a ineficiên-
5 cia estatal como pontos dessa discussão.

6 Sob essa perspectiva, ~~é importante~~ pontua-se, de início, que a ignorância acerca do próprio patrimônio cultural
7 faz com que não haja a devida apropriação coletiva dele. Nesse sentido, com a sinergia dos conceitos de "complexo de
8 vira-lata", que teoriza a autodepreciação da nacionalidade e a exaltação do estrangeiro, e de "Indústria cultural", a
9 qual massifica uma cultura global em detrimento das especificidades locais, é perceptível que a baixa autoestima bra-
10 sileira gera o abandono de sua ~~própria~~ cultura em um mundo globalizado. Consequentemente, o reconhecimento e a
11 valorização dos povos tradicionais passam a ser difíceis, na medida em que o olhar popular se volta para pa-
12 drões externos. Assim, o desconhecimento, advindo da falta de autoestima identitária e da influência externa, corro-
13 bore a falta de apropriação do que é nacional: costumes, hábitos e conhecimentos das comunidades originárias.

14 Além disso, é válido denunciar que a ineficácia governamental em prover o suporte necessário para os povos tradi-
15 cionais constrói, no Brasil atual, um cenário de negligência, que, por sua vez, enfraquece essa população e reforça a igno-
16 rância coletiva. Isso porque, apesar de a Constituição Federal, em seus artigos 216º e 231º, prever a proteção das comuni-
17 dades locais e seus costumes, o sucateamento da maquinaria ~~púb~~ estatal, característica do modelo econômico neoliberal vigen-
18 te, impede a fiscalização e o investimento para a manutenção desses direitos. Nesse viés, a recorrente agressão aos na-
19 tivos de forma física e simbólica confirma tal tese, haja vista os absurdos conflitos de terra, por interesses extra-
20 tivistis ilegais, e os incêndios nos importantes centros culturais como o Museu Nacional, ao demonstrar a ineficiência esta-
21 tal em defender os preceitos constitucionais. Dessa maneira, infere-se que a instabilidade ~~situacional~~ existencial da tradi-
22 cionalidade põe em risco a perpetuação de culturas e conhecimentos essenciais ^{para a} ~~na~~ identidade do Brasil.

23 Portanto, tendo visto que os fatores populares e governamentais supracitados são desafios para a devida valoriza-
24 ção de comunidades e de povos tradicionais, urge que medidas sejam tomadas para atenuar os impactos dessa discussão.
25 Cabe ao governo federal, órgão máximo da administração brasileira, promover, aliado ao Ministério da educação, projetos
26 educacionais sobre as culturas e a importância do conhecimento das comunidades originárias, por meio de vídeos nas redes
27 sociais. O mesmo órgão, deve, ainda, ~~avm~~ aumentar a eficiência ^{proteção} nacional, por meio do aporte financeiro pa-
28 ra a fiscalização de ilegalidades territoriais, de agressões e de conflitos - e para a preservação de patrimônios muse-
29 ológicos. Tais medidas objetivam ^{superar} ~~super~~ o cenário atual de ignorância e de abandono cultural, e ^{viabilizando} ~~viabilizar~~ a existên-
30 cia desses povos e comunidades no futuro. Dessa forma, poder-se-á resgatar o empoderamento e a valorização como os modernistas

OS01043_ID_04827281_01_LT_009_D1_K0_ENEM2210401_N02_RJ_002_G034.TXT / S: 0017833

Transcrição

“Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral e Anita Malfatti: todos esses são nomes do movimento modernista brasileiro, o qual, por meio da arte e da literatura, buscou fundar a identidade nacional e empoderar a tradicionalidade local. Na atualidade, nota-se, por outro lado, que a outrora tão almejada valorização dos povos e das comunidades originárias vem perdendo força devido aos desafios vigentes. Nesse contexto, é importante notar o desconhecimento popular e a ineficiência estatal como pontos dessa discussão.

Sob essa perspectiva, pontua-se, de início, que a ignorância acerca do próprio patrimônio cultural faz com que não haja a devida apropriação coletiva dele. Nesse sentido, com a sinergia dos conceitos de “complexo de vira-lata”, que teoriza a autodepreciação da nacionalidade e a exaltação do estrangeiro, e de “Indústria cultural”, a qual massifica uma cultura global em detrimento das especificidades locais, é perceptível que a baixa autoestima brasileira gera o abandono de sua cultura em um mundo globalizado. Consequentemente, o reconhecimento e a valorização dos povos tradicionais passam a ser difíceis, na medida em que o olhar popular se volta para padrões externos. Assim, o desconhecimento, advindo da falta de autoestima identitária e da influência externa, corrobora a falta de apropriação do que é nacional: costumes, hábitos e conhecimentos das comunidades originárias.

Além disso, é válido denunciar que a ineficácia governamental em prover o suporte necessário para os povos tradicionais constrói, no Brasil atual, um cenário de negligência, que, por sua vez, enfraquece essa população e reforça a ignorância coletiva. Isso porque, apesar de a Constituição Federal, em seus artigos 216º e 231º, prever a proteção das comunidades locais e seus costumes, o sucateamento da maquinaria estatal, característica do modelo econômico neoliberal vigente, impede a fiscalização e o investimento para a manutenção desses direitos. Nesse viés, a recorrente agressão aos nativos de forma física e simbólica confirma tal tese, haja vista os absurdos conflitos de terra, por interesses extrativistas ilegais, e os incêndios nos importantes centros culturais como o Museu Nacional, ao demonstrar a ineficiência estatal em defender os preceitos constitucionais. Dessa maneira, infere-se que a instabilidade existencial da tradicionalidade põe em risco a perpetuação de culturas e conhecimentos essenciais para a identidade do Brasil.

Portanto, tendo visto que os fatores populares e governamentais supracitados são desafios para a devida valorização de comunidades e povos tradicionais, urge que medidas sejam tomadas para atenuar os impactos dessa discussão. Cabe ao Governo Federal, órgão máximo da administração brasileira, promover, aliado ao Ministério da educação, projetos educacionais sobre as culturas e a importância do conhecimento das comunidades originárias, por meio de vídeos nas redes sociais. O mesmo órgão, deve, ainda, aumentar a eficiência protetiva nacional, por meio do aporte financeiro para fiscalização- de ilegalidades territoriais, de agressões e de conflitos- e para a preservação de patrimônios museológicos. Tais medidas objetivam superar o cenário atual de ignorância e de abandono cultural, viabilizando a existência desses povos e comunidades no futuro. Dessa forma, poder-se-á resgatar o empoderamento e a valorização como os modernistas.”



Segundo Rick Mackay, escritor jamaicano, "um homem sem cultura é como uma árvore sem raiz". Nesse sentido, a falta de valorização das tradições culturais tradicionais representa um prejuízo imenso sociocultural para a perpetuação da memória coletiva e, por fim, para o respeito de modo mais relevante por parte das autoridades nacionais. Por conseguinte, evidenciam-se não só os vários efeitos nocivos a uma quasi realidade, mas também a ausência de medidas públicas com a intenção de corrigir essa mesma conjuntura.

Diante desse panorama, no que se refere à preservação dos diversos povos tradicionais do Brasil, infere-se a importância de tal fator, pois isso contribui para a manutenção parte da identidade cultural ao prejudicar a disputa dos valores singulares dominantes no futuro próximo. Conforme o artigo de Nelson Fi, essa de fato em cada cinco grupos nativos não recebem a adequada atenção pública destinada à preservação comunitária. Então, não se pode admitir que, em uma nação portadora de uma herança cultural rica e diversa como o Brasil, a importância da preservação das tradições culturais seja negligenciada em função de uma realidade individualista e insulista em prol da modernização e desenvolvimento.

Ademais, vale ressaltar a falta de ações governamentais com o intuito de manter essas valiosas tradições. Isso ocorre devido à ausência na implementação de instrumentos públicos destinados à preservação dos ambientes naturais, como a criação de parques, reservas para a proteção de tradições tradicionais que, em razão da expansão urbana, estão sendo substituídas e em muitos casos, a permanência desses grupos, fazendo a continuidade da preservação da prática ancestral. Diante disso, a preservação de Rick Mackay reflete uma infuente realidade cultural, dada que o descuido das autoridades em prol das práticas singulares, por mais de uma vez, tem causado prejuízos irreversíveis à manutenção da riqueza marginalizada de populações historicamente ignoradas. Dessa maneira, é insustentável que, em um país detentor de um dos maiores acervos de comunidades tradicionais, a falta não seja capaz de oferecer a mínima cidadania ao garantir a conexão da memória coletiva dos grupos desamparados no Brasil.

Portanto, faz-se necessário o estabelecimento de diálogos frequentes, por parte da poder público, acerca das importância, importância de valorização de povos, como os indígenas e os quilombolas. A realização de projetos sociais de incentivo em projetos sociais, com a finalidade de preservar a cultura das diversas tradições culturais presentes no território nacional, uma vez que o apoio governamental é imprescindível. Logo, isso deve ser feito por meio de programas públicos, destinados às comunidades tradicionais, com medidas de apoio, como a distribuição de materiais, estudos acadêmicos sobre os hábitos, análise financeira, apoio técnico, incentivo à formação em casos de desenvolvimento cultural e documentação acerca da diversidade ~~de povos~~, fortalecendo sua identidade e por último, a preservação. Espera-se, com isso, maior reconhecimento da população tradicional no Brasil.

“Segundo Bob Marley, cantor jamaicano, “um homem sem cultura é uma árvore sem raiz”. Nesse sentido, a falta de valorização das organizações coletivas tradicionais brasileiras representa um preocupante impasse socioestrutural para a perpetuação da memória comunitária a ser tratado urgentemente de modo mais relevante por parte das autoridades nacionais. Por conseguinte, evidenciam-se não só os sérios efeitos associados a essa grave realidade, mas também a carência de medidas públicas com a intenção de amenizar essa severa conjuntura.

Diante desse parâmetro, no que se refere à escassez de reconhecimento dos diversos povos residentes no Brasil, infere-se a gravidade de tal fator, pois isso contribui para a inaceitável perda da identidade cultural ao prejudicar a difusão dos hábitos singulares direcionados às futuras gerações. Conforme o portal de notícias G1, cerca de três em cada cinco grupos nativos não recebem o adequado apoio público destinado à conservação comunitária. Então, não se pode admitir que, em uma nação portadora de uma Constituição Federal conhecida como cidadã, a importância da preservação das tradições coletivas seja relativizada em função de uma sociedade individualista e insistente em perpetuar o extermínio de minorias no Brasil.

Ademais, vale ressaltar a falta de ações governamentais com o intuito de reverter essa urgente situação. Assim, esse contexto se apresenta na insuficiência de investimento público destinado à preservação dos ambientes naturais, como a floresta Amazônica, propícios para a vivência de organizações tradicionais que, em razão da repugnante inércia estatal em coibir o desmatamento e em incentivar a permanência desses grupos, favorece a continuidade da irreparável perda de práticas identitárias. Devido a isso, o pensamento de Bob Marley reflete uma influente realidade coletiva, dado que o desinteresse das autoridades em proteger povos singulares, por meio da conservação das rotinas características, proporcionar a manutenção da injusta marginalização de populações historicamente ignoradas. Desse modo, é inaceitável que, em um país detentor de um dos maiores acervos de comunidades tradicionais, o Estado não seja capaz de garantir a mínima cidadania ao permitir a ameaça da memória coletiva dos grupos desamparados no Brasil.

Portanto, faz-se necessário o estabelecimento de diálogos aprofundados, por parte do poder público, acerca dos impactos da carência de valorização dos povos, como os indígenas e os quilombolas. À vista disso, o governo federal deve investir em projetos sociais, com a finalidade de conservar a cultura das diversas organizações coletivas presentes no território nacional, uma vez que o apoio governamental é imprescindível. Logo, isso deve ser feito por meio de programas públicos, destinados às sociedades vulneráveis, com registro dos povos, combate à destruição da natureza, estudos acadêmicos sobre os hábitos, auxílio financeiro, apoio médico, incentivo à denúncia em casos de desrespeito cultural e documentários acerca da diversidade, elaborados por sociólogos e por outros especialistas na área. Espera-se, com isso, o maior reconhecimento da população tradicional no Brasil.”



1	A Constituição Federal prevê a existência e a garantia de direitos de grupos que não se enquadram nos
2	modelos capitalistas de relação. Todavia, na prática, é notória a constante violação à cidadania desses indivi-
3	duos. Tal constatação tem como causa a histórica estigmatização da qual sofrem os povos autóctones, e como
4	consequência, a insegurança social. É necessário, portanto, compreender os desafios para a valorização de co-
5	munidades e povos tradicionais no Brasil.
6	Sob esse viés, a milenar postura preconceituosa direcionada a sociedades autossuficientes interfere dire-
7	tamente nas relações sociais. Nesse sentido, o olhar eurocêntrico sobre esses indivíduos surge do contato europeu
8	com os povos ameríndios, como é observável na Carta de Pero Vaz de Caminha, primeiro documento nacional,
9	em que esse qualifica os nativos como "selvagens". A partir dessa postura, construiu-se, no imaginário
10	nacional, brasileiro, a figura do indígena como um ser que precisa ser "humanizado" e, assim, introdu-
11	zido, forçosamente, aos valores da Europa Ocidental. Assim, a inferiorização de grupos não capitalistas
12	mantém-se, de modo a perpetuar uma visão etnocêntrica que deteriora a existência desses.
13	Por conseguinte, o preconceito estrutural interfere na administração pública. Segundo o historiador Ser-
14	gio Buarque de Holanda, a política nacional é marcada pelo Patrimonialismo, isto é, pela mescla entre o pú-
15	blico e o privado. Com esse pensamento, compreende-se, então, que as perspectivas de mundo apreendi-
16	das pelos gestores brasileiros conduzem as decisões tomadas pelas esferas de poder. No ano de 2019, por
17	exemplo, tramitou no Congresso um projeto de lei que previa um marco temporal para a demarcação de terras
18	indígenas. Esse requerimento, no entanto, dificultaria a ocupação territorial desse segmento, visto que os
19	nativos possuem, constitucionalmente, o direito ancestral à terra e, sendo assim, muitos não têm o documento
20	que prevê a legalidade da demarcação. Desse modo, a escassez de auxílio governamental é um empecilho à
21	existência de sociedades autóctones.
22	Logo, os desafios para a valorização de comunidades e povos tradicionais no Brasil derivam do com-
23	portamento eurocêntrico presente na população, que acarreta a adoção de medidas públicas nocivas
24	a esse segmento populacional. Dessarte, cabe ao Ministério da Educação — órgão responsável pelo processo
25	de aprendizagem do cidadão — corroborar com a superação dos limites preconceituosos que assolam o
26	conjunto supracitado, por meio de propagandas conscientizadoras em veículos de massa, a fim de
27	formar indivíduos um imaginário favorável à figura de grupos autossuficientes. Afinal, indígenas, qui-
28	lombolas, pescadores artesanais, ribeirinhos, entre outros, fazem parte da coletividade brasileira e
29	devem ter seus direitos — constados na Constituição — garantidos.
30	

OS01043_ID_04783210_02_LI_007_D1_KO_ENEM2210401_N02_RJ_002_G034.TXT / S: 0010276

“A Constituição Federal prevê a existência e a garantia de direitos de grupos que não se enquadram nos moldes capitalistas de relação. Todavia, na prática, é notória a constante violação à cidadania desses indivíduos. Tal constatação tem como causa a histórica estigmatização da qual sofrem os povos autóctones, e como consequência, a insegurança social. É necessário, portanto, compreender os desafios para a valorização de comunidades e povos tradicionais no Brasil.

Sob esse viés, a milenar postura preconceituosa direcionada a sociedades autossuficientes interfere diretamente nas relações sociais. Nesse sentido, o olhar eurocêntrico sobre esses indivíduos surge do contato europeu com os povos ameríndios, como é observável na carta de Pero Vaz de Caminha, primeiro documento nacional, em que esse qualifica os nativos como “selvagens”. A partir dessa postura, construiu-se, no imaginário brasileiro, a figura do indígena como um ser que precisa ser “humanizado” e, assim, introduzido, forçosamente, aos valores da Europa Ocidental. Assim, a inferiorização de grupos não capitalistas mantém-se, de modo a perpetuar uma visão etnocêntrica que deteriora a existência desses.

Por conseguinte, o preconceito estrutural interfere na administração pública. Segundo o historiador Sérgio Buarque de Holanda, a política nacional é marcada pelo Patrimonialismo, isto é, pela mescla entre o público e o privado. Com esse pensamento, compreende-se, então, que as perspectivas de mundo apreendidas pelos gestores brasileiros conduzem as decisões tomadas pelas esferas de poder. No ano de 2019, por exemplo, tramitou no Congresso um projeto de lei que previa um marco temporal para a demarcação de terras indígenas. Esse requerimento, no entanto, dificultaria a ocupação territorial desse segmento, visto que os nativos possuem, constitucionalmente, o direito ancestral à terra e, sendo assim, muitos não têm o documento que prevê a legalidade da demarcação. Desse modo, a escassez de auxílio governamental é um empecilho à existência de sociedades autóctones.

Logo, os desafios para a valorização de comunidades e povos tradicionais no Brasil derivam do comportamento eurocêntrico presente na população, que acarreta a adoção de medidas públicas nocivas a esse segmento populacional. Dessarte, cabe ao Ministério da Educação — órgão responsável pelo processo de aprendizagem da população — corroborar com a superação dos limites preconceituosos que assolam o conjunto supracitado, por meio de propagandas conscientizadoras em veículos de massa, a fim de formar um imaginário favorável à figura de grupos autossuficientes. Afinal, indígenas, quilombolas, pescadores artesanais, ribeirinhos, entre outros, fazem parte da coletividade brasileira e devem ter seus direitos — constados na Constituição — garantidos.”



C501043 ID: 02571621 02 LT 001 01 RB ENEM20210401_1402_10_001_0011.TXT / 50-0001987

1	Ilusão "Tente Fim da Poluição Brasileira", escrito por livro Bando, apresenta, por meio de uma parábola, uma alternativa
2	ta, a qual leva pela preservação das tradições e dos valores brasileiros na sociedade civil. Tendo em aspectos literários, nota-se
3	que a realidade nacional encontra-se em um país que se encontra em situação, uma vez que, de fato, há impasses para a redução
4	grupos das comunidades tradicionais no Brasil, sendo assim, um estímulo de atuação social, além de sugerir pesquisas pa-
5	ra a preservação cultural brasileira. Sob essa perspectiva, o texto aborda as dificuldades que envolvem, nesse caso, como a
6	negligência governamental e a falta de educação.
7	Portanto, conclui-se que uma das causas fundamentais de desenvolvimento das populações tradicionais é a mig-
8	ração do Estado. Segundo o filósofo George Santayana, a política deve ser julgada não pelo bem de todos, mas pelo bem de alguns, e sendo
9	há que a máquina pública não deve se dedicar a questões políticas, mas que tem a desmoralização civil, já que compartilha com
10	ações que afetam a preservação das culturas dos Estados. Justificamos das comunidades, como, por exemplo, a degradação das
11	áreas naturais, devido a poluição, com o intuito de obter lucro. Nessa condição, observa-se que a presença de um governo opor-
12	ta aos valores culturais implica em degradação da identidade das povos tradicionais, como os quilombolas, de modo a ser anti-
13	gêneo. Dessa forma, é perceptível que a transformação de pensamento de indivíduos, grupos populacionais e harmonia social.
14	Ademais, é importante partirmos, como a expansão das empresas para a exploração dos recursos tradicionais, a busca de
15	missão. De acordo com o conceito de "Justiça Cultural", elaborado pelos sociólogos Edward e Hollander, os povos tradicionais, muni-
16	dos, possuem um grande poder de influência e de manipulação dos comportamentos humanos. É certo dizer, é in-
17	contestável que, ao obter-se da zona econômica importante, a mídia celebra para a diversidade populacional, a qual
18	é capaz de criar, no tecido social, quadros de desrespeito e de negligência dos costumes dos povos tradicionais, vez
19	to que os habitantes que não possuem contato com as riquezas culturais naturais tendem a viver em uma belva, le-
20	ge, ficando, pois, que os recursos tradicionais possuem a responsabilidade de preservar o seu papel identitário, assim
21	como afirmam os pesquisadores de Frankfurt.
22	Portanto, conclui-se que a realidade na qual o Brasil está inserido, a respeito de valorização das comunidades
23	tradicionais, necessita de uma intervenção imediata. Assim, o Ministério do Desenvolvimento Social — órgão governamen-
24	tal incumbido de desenvolver atividades que visam à melhoria da qualidade de vida da população — deve, por intermédio da
25	desenvolvimento de ações, criar uma política pública de preservação dos valores e dos povos tradicionais, a qual
26	impedirá a degradação das áreas habitacionais desses indivíduos, além de dialogar, nos aspectos educativos,
27	a educação e das riquezas indígenas para a preservação nacional, a fim de que a negligência do Estado e a falta
28	de mídia não sejam mais responsáveis pela exploração das populações tradicionais. Nessa medida, não sem o as-
29	pecto ao livro "Tente Fim da Poluição Brasileira" publicado nos aplicativos no território brasileiro.
30	



“O livro “Triste Fim de Policarpo Quaresma”, escrito por Lima Barreto, apresenta, em seu enredo, um protagonista ultranacionalista, o qual luta pela permanência das tradições e dos valores brasileiros na sociedade civil. Exterior ao espectro literário, nota-se que a realidade nacional encontra-se em um polo oposto ao abordado na narrativa, uma vez que, hoje, há impasses para a valorização das comunidades tradicionais no Brasil, sendo isso um estimulador do retrocesso social, além de acarretar prejuízos para a preservação cultural brasileira. Sob essa perspectiva, é lícito analisar os alicerces que embasam esse óbice, como a negligência governamental e a falha midiática. Nesse viés, convém salientar como uma das causas fomentadoras da desvalorização das populações tradicionais a omissão do Estado. Segundo o filósofo grego Aristóteles, a política deve ser realizada visando ao bem de todos. Diante disso, é evidente que a máquina pública não adere à ideologia aristotélica no que tange ao desenvolvimento civil, já que compactua com ações que dificultam a preservação das culturas dos hábitos legítimos das comunidades, como, por exemplo, a degradação das áreas naturais desses povos, com o intuito de obter lucro. Nesse sentido, observa-se que a presença de um governo apático às mazelas sociais implica em desafios à valorização dos povos nacionais, como as quebradeiras de coco e os indígenas. Dessa forma, é perceptível que a banalização do pensamento do estudioso grego prejudica a harmonia social.

Ademais, é imperativo pontuar, como agravador dos empecilhos para a exaltação dos corpos tradicionais, a lacuna da mídia. De acordo com o conceito de “Indústria Cultural”, elaborado pelos sociólogos Adorno e Horkheimer, os aparatos midiáticos possuem um grande poder de influência e de manipulação dos comportamentos humanos. À vista disso, é indubitável que, ao abster-se da sua função social informativa, a mídia colabora para a alienação populacional, a qual é capaz de criar, no tecido civil, quadros de desrespeito e de vulgarização dos costumes dos povos tradicionais, visto que os habitantes que não possuem contato com as riquezas culturais nativas tendem a viverem em uma bolha. Logo, fica claro que os serviços midiáticos possuem a responsabilidade de exercerem o seu papel eficientemente, assim como afirmava os pensadores de Frankfurt.

Portanto, constata-se que a realidade na qual o Brasil está inserido a respeito da valorização das comunidades tradicionais necessita de uma intervenção imediata. Assim, o Ministério de Desenvolvimento Social – órgão governamental incumbido de elaborar atitudes que visam à melhoria da qualidade de vida da população- deve, por intermédio da disponibilização de verbas, criar uma política pública de preservação dos saberes e dos povos tradicionais, a qual impessa a degradação das reservas habitacionais desses indivíduos, além de divulgar, nos ambientes midiáticos, a relevância das riquezas originais para o patrimônio nacional, a fim de que a negligência do Estado e a falha da mídia não sejam mais impasses para a exaltação das populações tradicionais. Dessa maneira, o cenário exposto no livro “Triste Fim de Policarpo Quaresma” poderá ser aplicado no território brasileiro.”

REDAÇÕES

Espelho

980



1 3 Romantismo, importante corrente literária, musical, tendo ^{Canto} como ~~tema~~ tema das suas obras.
2 Caracterizada pela exaltação e idealização da figura do indígena, baseada na sua exaltação como
3 a natureza. Atualmente, esta corrente, de exaltação da cultura do indígena, da natureza e da religião
4 da região é considerada uma corrente. Nessa corrente, observa-se um dos aspectos da cultura
5 física e educacional de um determinado povo a valorização do ^{do} conhecimento e da natureza
6 da região do Rio de Janeiro.

7 É masculinista, elitista, com valores que são o conjunto negativo da cultura moral da
8 mulher. Sob esse signo, de acordo com a ignorante Maria Rita Kuhl, grata, na sociedade
9 brasileira, a ideia de feminismo tem histórico em relação ao período violento da guerra. De
10 certo tempo atrás, a gente percebeu na sociedade brasileira que estava existindo desde o período
11 colonial, em que eram comuns os ataques de dominação e de exploração das com
12 munições tradicionais da paisagem. Consequentemente, a cultura de uma mulher de cultura
13 social estava em continuidade de desenvolvimento e de violação contra essas coisas.

Adicionalmente, observamos a seguinte perspectiva da atual realidade educacional da região em questão. Nessa perspectiva, a educação educacional nacional, caracterizada como "bom dia" pela educação. Ainda assim, destaca um caráter elitista e comunitário no depósito de conteúdos em detrimento da formação integral do indivíduo. Há, no entanto, a consciência da necessidade de um sistema educacional que reflita a diversidade presente na população brasileira. Por conseguinte, não ignoramos a existência de obstáculos, os quais não nos impedem a não apenas a cultura das organizações tradicionais.

[illegible]

enem2022 MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO



029

0 2 9 2 2 2 1 0 0 8 6 1 3 8 8 3 0 4

“O Romantismo, importante corrente literária nacional, tinha como uma das suas principais temáticas o culto e a idealização da figura do indígena, pautada na sua relação com a natureza. Atualmente, no entanto, o reconhecimento cultural das populações originárias do país é cada vez menor na sociedade. Nesse âmbito, cabe analisar os fatores socioculturais e educacionais acerca dos desafios para a valorização das comunidades e dos povos tradicionais do Brasil.

É necessário examinar, em primeiro plano, o impacto negativo da cultura social da nação. Sob esse prisma, de acordo com a jornalista Maria Rita Kehl, falta, na sociedade brasileira, o ideal de revisionismo histórico em relação às práticas violentas do passado. Diante desse cenário, o povo perpetua as características opressoras existentes desde o período colonial, no qual eram comuns as relações de dominação e de exploração das comunidades tradicionais do país. Consequentemente, a ausência dessa reflexão de cunho social resulta na continuidade da desvalorização e das violências contra esses povos.

Ademais, observa-se o efeito prejudicial do atual modelo educacional do país na questão. Nessa perspectiva, a obsoleta educação nacional, caracterizada como “bancária” pelo educador Paulo Freire, detém um caráter utilitarista e consiste no depósito de conteúdo em detrimento da formação integral do indivíduo. Há, nesse sentido, a ausência do ensino de um repertório sociocultural que reflita a diversidade presente no povo brasileiro. Por conseguinte, são formados cidadãos incompletos, os quais não valorizam e não preservam a rica cultura das populações tradicionais.

Infere-se, portanto, que tais fatores dificultam a solução da problemática. Para a reversão desse quadro, cabe uma parceria entre o Ministério da Cultura e o setor midiático para o rompimento desse ideal opressor e atrasado, por meio da veiculação de propagandas, nas diversas mídias, contendo relatos dos povos tradicionais que reforcem o seu importante papel histórico e cultural na sociedade, a fim de estimular o reconhecimento popular. Outrossim, cabe ao MEC a atualização do sistema educacional obsoleto, por intermédio da plena promoção do ensino da cultura, pré-estabelecido na BNCC, com a realização de atividades interdisciplinares que ressaltem a pluralidade desses grupos, objetivando a instrução dos cidadãos acerca da temática. Assim, tornar-se-á possível retomar a valorização literária romântica das comunidades originárias do Brasil.”



1 O jornalista Lyllbente Dimenstein, ao produzir o livro "O cidadão de papel", afirmou que a consolidação
2 de uma sociedade democrática exige a garantia dos direitos fundamentais de um povo. No entanto, ao obser-
3 var a má valorização de comunidades e povos tradicionais no Brasil, constata-se que a base do auten-
4 tismo tem sido pragmaticamente assegurada, tendo em vista que os povos tradicionais têm seus direi-
5 tos violados no país. Neste sentido, para atenuar a conjuntura, é imprescindível enunciar os pri-
6 ncípios do choque e o respeito do negligência estatal e o respeito sociocultural.

7 Deve-se destacar, de início, o descuido do governo como população do sítio. Sob esse viés, a Constitui-
8 ção Federal de 1988, promulgada com base nos direitos humanos, prevê que todos são iguais perante a lei. Entretan-
9 to, o próprio Poder Público age de omissão jurídica, uma vez que a má gestão governamental não
10 promove, de maneira ampla e eficiente, o investimento em órgãos fiscalizadores com a função de mitigar
11 qualquer ação que ~~se~~ contribua aos direitos dos povos tradicionais. Com isso, os milhares de indivíduos pertencem-
12 tes de alguma das culturas que fazem parte dessa população vulnerável acabam sofrendo, por exemplo, inva-
13 sãoes em seus territórios, caracterizando uma violação dos seus direitos. Dessa forma, ações devem ser tomadas
14 por parte do Estado a fim de reverter essa adversidade.

15 Ademais, vale pontuar a forte ligação e sua relação com o cenário. Nesse âmbito, segundo o professor Juergen Habermas,
16 mas, a razão comunicativa, ou seja, o diálogo, é uma etapa fundamental para o desenvolvimento social. Nesse ínterim,
17 a falta de estímulo ao debate no que diz respeito à valorização e preservação de culturas incluídas nas comunidades tradi-
18 cionais ~~caib~~ o poder transformador de deliberação. Como resultado, o corpo social é privado de ~~uma~~ muitos
19 conhecimentos acerca dessa população vulnerável e, consequentemente, a cultura desses povos, constituída ao
20 longo do histórico, podem não ser preservadas. Destarte, discorrer criticamente a problemática é um grande
21 passo para a legitimação do progresso sociocultural habermasiano.

22 Portanto, cabe ao Ministério da Justiça promover um investimento em organizações responsáveis por fiscalizar
23 atos ilegais direcionados aos povos tradicionais com o objetivo de reduzir a negligência estatal. Além disso,
24 o Ministério da Cidadania, em parceria com o Ministério da Educação, deve promover, por meio de canais televisivos
25 e redes sociais (como "Facebook" e "Instagram"), debates com especialistas das áreas de direito e cultura, ~~per~~
26 a fim de se aprender uma visão crítica sobre o contemporâneo e orientar os espectadores a alcançarem a
27 redução do impasse, garantindo, sobretudo, a valorização das comunidades e povos tradicionais no
28 Brasil. Dessa maneira, com o cumprimento da legislação e a razão comunicativa, a sociedade
29 deixará de ser a cidade de papel enfatizada por Dimenstein.

30

OS01043_ID_03590016_02_L1_004_D1_K0_ENEM2210401_N02_RJ_001_G023.TXT / S: 0025641

“O jornalista Gilberto Dimenstein, ao produzir a obra "O cidadão de papel", afirmou que a consolidação de uma sociedade democrática exige a garantia dos direitos fundamentais de um povo. No entanto, ao observar a não valorização das comunidades e povos tradicionais no Brasil, constata-se que a tese do autor não tem sido pragmaticamente assegurada, tendo em vista que os povos tradicionais têm seus direitos violados no país. Nesse sentido, para atenuar a conjuntura, é imprescindível enunciar os pilares da chaga: o quesito da negligência estatal e o aspecto sociocultural.

Deve-se destacar, de início, o descuido do governo como propulsor do óbice. Sob esse viés, a Constituição Federal de 1988, promulgada com base nos direitos humanos, prevê que todos são iguais perante à lei. Entretanto, o próprio Poder Público agride o ordenamento jurídico, uma vez que a má gestão governamental não promove, de maneira ampla e eficiente, o investimento em órgãos fiscalizadores com a função de mitigar qualquer ação que é contrária aos direitos humanos dos povos tradicionais. Com isso, os milhares de indivíduos pertencentes de algumas das culturas que fazem parte dessa população vulnerável acabam sofrendo, por exemplo, invasões em seus territórios, caracterizando uma violação dos seus direitos. Dessa forma, soluções devem ser tomadas por parte do Estado a fim de reverter essa adversidade.

Ademais, vale pontuar o fator grupal e sua relação com o revés. Nessa lógica, segundo o pensador Jurgen Habermas, a razão comunicativa, ou seja, o diálogo, é uma etapa fundamental para o desenvolvimento social. Nesse íterim, a falta de estímulo ao debate no que diz respeito a valorização e preservação de culturas incluídas nas comunidades tradicionais coíbe o poder transformador de deliberação. Como resultado, o corpo social é privado de muitos conhecimentos acerca dessa população vulnerável e, conseqüentemente, a cultura desses povos, construídas ao longo da história, podem não ser preservadas. Destarte, discorrer criticamente a problemática é um grande passo para a legitimação do progresso sociocultural habermasiano.

Portanto, cabe ao Ministério da Justiça promover um investimento em órgãos responsáveis por fiscalizar atos ilegais direcionados aos povos tradicionais com o objetivo de reduzir a negligência estatal. Além disso, o Ministério da Cidadania, em parceria com Ministério da Educação, deve promover, por meio de canais televisivos e redes sociais (como "Facebook" e "Instagram"), debates com especialistas das áreas de direito e cultura a fim de apresentar uma visão crítica sobre o contratempo e orientar os espectadores a alcançarem a solução do impasse, garantindo, sobretudo, a valorização das comunidades e povos tradicionais no Brasil. Desse modo, com o cumprimento da legislação e a razão comunicativa, a sociedade deixará de ser a cidade de papel enfatizada por Dimenstein. “



1 A primeira geração romântica brasileira, também chamada de indianista, teve, como temática principal, a valorização dos
2 habitantes nativos do país. No entanto, a representatividade das comunidades e dos povos tradicionais do Brasil - presente no uni-
3 verso artístico e social do século XIX - deixou de ser recorrente na sociedade contemporânea. Nesse sentido, seja por uma postura
4 incorreta das escolas, seja por uma omissão da mídia, a subvalorização desses minorias constrói um cenário de vulnerabilidade e in-
5 visibilidade social. Por isso, são necessárias intervenções para a superação desses desafios.

6 De início, é preciso destacar a educação desenvolvida no país como propulsores da desvalorização dos povos tradicionais. Se-
7 gundo o educador Paulo Freire, o sistema educacional brasileiro baseia-se em um modelo bancário que prioriza o depó-
8 sito incessante de conteúdo nos alunos. Essa metodologia, por sua vez, limita o contato do aluno, de forma autônoma e
9 crítica com disciplinas - como a História do Brasil - que valorizam as comunidades (tradicionais) autóctones, visto a meso-
10 nicidade e a frieza nesse sistema descrito por Freire. Com isso, esses indivíduos passam a invisibilizar a existência
11 desses povos, contribuindo para a precarização das condições de preservação dessas (minorias) minorias - mesmo sendo um
12 fragmento importante da formação da sociedade brasileira contemporânea. Desse modo, evidencia-se o paralelo entre a
13 atuação das instituições de ensino e a desvalorização desses grupos.

14 Ademais, é necessário analisar a contribuição da mídia para a intensificação do cenário de vulnerabilidade social
15 dessas comunidades. De acordo com o jornalista estadunidense Maxwell McCombs, a omissão de um tema pelos veículos
16 midiáticos promove o silenciamento desse por toda a sociedade. No contexto nacional, os agentes responsáveis pela difusão
17 de informações não veiculam notícias e reportagens acerca dos povos tradicionais - condição evidente, por exemplo, no
18 fato de a maioria das telenovelas serem (ambientadas) tematizadas nas grandes cidades e na veiculação quase que exclusiva de
19 acontecimentos, nos noticiários, desse mesmo ambiente urbano. Como efeito, a questão dessa minoria passa a ser negligenciada
20 pelo corpo social, perpetuando o ciclo de silenciamento, assim como previu McCombs. Dessa forma, a mídia apresenta-se
21 como um dos agentes responsáveis por essa desvalorização.

22 Inferre-se, portanto, que a superação dos desafios para a valorização de comunidades e povos tradicionais no Brasil
23 será alcançada mediante uma ação governamental. Sendo assim, é preciso que a instância federal, como responsável pelo pro-
24 cesso educativo no país, modifique a relação dos alunos com esses povos, por meio de mudanças na carga horária de discipli-
25 nas, as quais valorizem a existência desses, a fim de que os estudantes passem a apreciar e a lutar por sua conservação.
26 Além disso, é necessário que esse mesmo agente, como representante máximo do poder, promova a veiculação de inform-
27 ções acerca desses povos, por intermédio de incentivos fiscais aos veículos de mídia que cumprirem essa determinação,
28 para que a questão dessas comunidades deixe de ser invisibilizada e haja, por conseguinte, uma mobilização coletiva pela
29 sua preservação. Atinal, é preciso restituir a valorização dos povos tradicionais do país, assim como ocorreu durante a
30 primeira geração romântica brasileira.

OS01043_ID_03517073_03_LI_001_D1_K0_ENEM2210401_N02_RJ_001_G023.TXT/S: 0021172

REDAÇÕES

Transcrição

“A primeira geração romântica brasileira, também chamada de indianista, teve, como temática principal, a valorização dos habitantes nativos do país. No entanto, a representatividade das comunidades e dos povos tradicionais do Brasil- presente no universo artístico e social do século XIX- deixou de ser recorrente na sociedade contemporânea. Nesse sentido, seja por uma postura incorreta das escolas, seja por uma omissão da mídia, a subvalorização dessas minorias constrói um cenário de vulnerabilidade e invisibilidade social. Por isso, são necessárias intervenções para a superação desses desafios.

De início, é preciso destacar a educação desenvolvida no país como propulsora da desvalorização dos povos tradicionais. Segundo o educador Paulo Freire, o sistema educacional brasileiro baseia-se em um modelo bancário que prioriza o depósito incessante de conteúdo nos alunos. Essa metodologia, por sua vez, limita o contato do aluno de forma autônoma e crítica com disciplinas- como a História do Brasil- que valorizam as comunidades autóctones, visto a mecanicidade e a frieza nesse sistema descrito por Freire. Com isso, esses indivíduos passam a invisibilizar a existência desses povos, contribuindo para a precarização das condições de preservação dessas minorias - mesmo sendo um fragmento importante da formação da sociedade brasileira contemporânea. Desse modo, evidencia-se o paralelo entre a atuação das instituições de ensino e a desvalorização desses grupos.

Ademais, é necessário analisar a contribuição da mídia para a intensificação do cenário de vulnerabilidade social dessas comunidades. De acordo com o jornalista estadunidense Maxwell McCombs, a omissão de um tema pelos veículos midiáticos promove o silenciamento desse por toda a sociedade. No contexto nacional, os agentes responsáveis pela difusão de informações não veiculam notícias e reportagens acerca dos povos tradicionais- condição evidente, por exemplo, no fato de a maioria das telenovelas serem tematizadas nas grandes cidades e na veiculação quase que exclusiva de acontecimentos, nos noticiários, desse mesmo ambiente urbano. Como efeito, a questão dessa minoria passa a ser negligenciada pelo corpo social, perpetuando o ciclo de silenciamento, assim como previu McCombs. Dessa forma, a mídia apresenta-se como um dos agentes responsáveis por essa desvalorização.

Infere-se, portanto, que a superação dos desafios para a valorização de comunidades e povos tradicionais no Brasil será alcançada mediante uma ação governamental. Sendo assim, é preciso que a instância federal, como responsável pelo processo educativo no país, modifique a relação dos alunos com esses povos, por meio de mudanças na carga horária de disciplinas, as quais valorizam a existência desses, a fim de que os estudantes passem a apreciar e a lutar por sua conservação. Além disso, é necessário que esse mesmo agente, como representante máximo do poder, promova a veiculação de informações acerca desses povos, por intermédio de incentivos fiscais aos veículos de mídia que cumprirem essa determinação, para que a questão dessas comunidades deixe de ser invisibilizada e haja, por conseguinte, uma mobilização coletiva pela sua preservação. Afinal, é preciso restituir a valorização dos povos tradicionais do país, assim como ocorreu durante a primeira geração romântica brasileira.”

Depoimentos

"Fala futuros calouros da maior do Brasil! Meu nome é Joao Victor Caetano, tenho 22 anos e sou de Belo Horizonte/MG. Me formei no colégio em 2018 e, desde então, vinha lutando para conquistar a minha tão sonhada aprovação em medicina na federal. Fiz 4 longos anos de cursinho e utilizei diferentes modalidades, desde cursinho em período integral até cursos online em casa. Como sou ampla concorrência e sempre fui péssimo em matemática essa disciplina sempre jogou a minha média para baixo me impedindo de passar - várias vezes bati na trave com cerca de 5...10 pontos abaixo do corte. A virada de chave pra mim foi quando eu entendi que eu precisava jogar o jogo do Enem e me preparar para ele como um verdadeiro maratonista: treinando exaustivamente. Ao longo de 2022 eu fiz cerca de 100 provas (enem antigo, ppl, simulados...) o que me preparou não somente na questão de conteúdo, mas também no quesito estratégia de prova, pois saber quais questões fazer e como, é o diferencial que pode elevar sua nota mesmo não acertando grandes quantidades de questões. . Além disso, escrever muita redação e ter uma estrutura pré-determinada foi o que me garantiu o 980. Quando chegou o SiSU tive nota para passar em algumas faculdades de Minas, mas nenhuma me encantou tanto quanto a UFRJ (a grandiosidade dessa universidade é espantosa). Por ter média ponderada minha nota aqui foi super valorizada em virtude de eu ter ido muito bem em Natureza e Redação. Hoje eu me sinto completamente realizado, feliz e orgulhoso de mim mesmo por não ter desistido (mesmo quando a vontade bateu) e posso dizer que se você quer algo DE VERDADE não tem porta que resista, pois uma pessoa decidida irá bater bater bater até que uma hora ela vai abrir. Conheço esse sentimento de insegurança que vocês possuem agora, mas os únicos capazes de fazer acontecer são vocês mesmos, por isso vão com tudo e tenham certeza de que a vista do outro lado é espetacular. Se quiserem, o meu Instagram (@joaocaetano.med) estará completamente aberto para vocês me perguntarem a vontade. Um abraço e bons estudos!"

João Victor Salgado Caetano
@joaocaetano.med



Depoimentos

"Eu nem esperava passar para a UFRJ. Como eu não corri minha prova, não fazia a mínima ideia de quanto eu tinha tirado, pois fiz o Enem digital e não quis levar o meu gabarito pra casa.

Foram dois anos estudando muito, um no 3º ano do ensino médio e o outro após formado.

Tive que manter muito equilíbrio mental pois passei diversas situações difíceis, mas sei que hoje estou aqui, cada dia que passa eu me sinto orgulhoso de mim mesmo e agradeço imensamente ao meu eu do passado por não ter desistido, por ter focado.

A sensação de ser da Medicina UFRJ é avassaladora e não tem dinheiro que pague isso!!

Enfim, foi meu sonho e eu estou realizando."



Jonatan José Coelho Costa
@jntn_00

"Não deixe de correr atrás dos seus sonhos, independente da sua idade! Estudar é, muitas vezes, doloroso e requer humildade para enfrentar suas fraquezas. Não se abale quando surgirem intercorrências no caminho. Assumir para si que precisa voltar alguns degraus no processo de aprendizagem é bem difícil, mas faz parte da vida. Aproveite seu tempo, estude, mas também curta o caminho. Sua turma e as amizades construídas, serão sua rede de apoio durante sua trajetória. Vai dar tudo certo! Meu nome é Vanessa, entrei na turma 261 com 35 anos e sigo trabalhando para meu próprio sustento (é difícil, mas não é impossível rs)."

Vanessa Barbosa de Alencar

Depoimentos

“Passar pelo pré-vestibular não foi nada fácil e, de fato, nunca é para ninguém. Foi uma das épocas em que eu mais sofri psicologicamente e fisicamente. A incerteza se o que eu estava fazendo era suficiente ou não me destruía todo dia, mesmo com resultados positivos em simulados ou não. É um período de muita entrega, muita dedicação e muitas abdições. Não é fácil postergar a juventude em prol de um sonho e, enquanto você está ali, no meio daquilo tudo, parece que você nunca vai passar. Passar pra UFRJ foi uma das maiores conquistas e alegrias da minha vida e eu mal podia acreditar quando vi escrito na tela “Você foi selecionado”. Parece que, a partir desse momento, tudo se relativizou e eu percebi que ia, finalmente, viver o meu sonho de ser médico e teria o privilégio de realizar minha formação em uma das instituições mais renomadas do país. Todas as derrotas, as crises, o choro escondido ganharam, ali, outro significado. Essas partes tristes da minha vida se tornaram um motivo de orgulho, parte de uma história de perseverança e resiliência que vou carregar comigo pro resto da vida. Estando do outro lado, é fácil ver que tudo valeu a pena e continuará valendo pra sempre. Parabéns a todos que conseguiram e conseguirão atingir esse sonho, vocês todos merecem comemorar e celebrar essa grande vitória!”



Luiz Felipe Rabelo
@luiz_rabelo8

“Nos anos em que prestei o ENEM, como muitos, vivia cercado de incerteza se um dia poderia estar onde estou. Por muitas vezes, senti-me sozinho, cercado de medo de, mais uma vez, não conseguir. Parecia que eu estava do lado de fora da vida, enquanto ela acontecia, eu estava estagnado. Mas, além de ter tido inúmeras inseguranças, o meu objetivo era o que me mantinha firme. Futuros calouros, tenham em mente que as coisas acontecem no tempo certo. Hoje estou aqui para dizer que, no meu tempo, eu venci. E os próximos serão vocês, aprovados e acolhidos no lugar que é pra ser de vocês: A MAIOR DO BRASIL! Por isso, persistam. No final, todo esforço valerá a pena. 💙💜”



Marcos Cavalcante Pinto
@marcopnto

Depoimentos

“Oiii, meu nome é Jessica, tenho 23 anos e fui aprovada em medicina na UFRJ depois de 5 longos anos de cursinho. Meu maior desafio durante todo o processo de vestibular foi lidar com a minha ansiedade e com meu medo de nunca ser aprovada. Assim como muitos vestibulandos, nunca acreditei que fosse capaz de ser aprovada em medicina na melhor federal do país, mas todo esforço é recompensado quando não desistimos dos nossos sonhos. O ano da minha aprovação foi o que mais cuidei de mim, fazia atividade física diariamente, organizava meu estudo de modo estratégico focando basicamente em simulados, consolidei minha rede de apoio e me afastei de pessoas que não me faziam bem. Quando saí do enem 2022, vi que minha quantidade de acertos tinha caído muito, então achei que não tinha passado. Passei as férias inteiras frustrada e achando que faria mais um ano de cursinho (afinal, desistir não era mais uma opção), mas o sisu me surpreendeu e no final fui aprovada na posição 44 de 50 vagas para ampla concorrência. Todo o meu processo me mostrou que os sonhos se realizam, basta apenas não desistir. Não importa quanto tempo demore nem quantas vezes seja preciso recomeçar, no final toda a frustração também passa. ❤️💙”



Jessica Marinho Motta da Silva
@j.essicamarinho



Laura Muniz de Lima Leitão
@laura.munizz

“Oiiii gente! Eu sou a Laura, tenho 20 anos, estudei por volta de um ano e meio e hoje estou aqui, na melhor federal do país! Meu caminho foi meio diferente, porque fiz um ano de arquitetura antes, até perceber e criar coragem para seguir meu sonho! No começo, ficava bem insegura, mas depois percebi que, se eu estava tentando, é porque eu sabia que iria conseguir! Então meu maior conselho pra vocês é: acreditem muito em vocês mesmos, porque afinal, no fundo, todos acreditam, se não, nem estariam tentando. Não se autossabotem! Estudem acreditando mesmo que vai dar certo! O caminho é difícil, mas no final tudo vale a pena demais! Todo o esforço será recompensado quando vocês sentirem no coração de vocês a sensação incrível de que serão médicos! Saí do ENEM totalmente desolada, com a certeza de que eu não passaria, mas acabei passando nos 45 minutos do segundo tempo, na segunda chamada da lista de espera. Nada é impossível! Não se comparem com o outros, tracem seus próprios caminhos e acreditem sempre, mais do que qualquer outra pessoa. Desejo muito sucesso para cada um de vocês 💙💚💛”

Depoimentos

"Meus anos de cursinho foram ao mesmo tempo desafiadores e gratificantes. Lembro de começar o cursinho e ficar assustada com a quantidade de coisa que eu não sabia e viria a aprender.

Aprendi e amadureci MUITO, mas também enfrentei muita ansiedade com o medo de não passar, acredito que isso seja padrão pra maioria das pessoas. Por isso queria dizer o quão vale a pena no final, ver meu nome como aprovada, especialmente na UFRJ (que era minha primeira opção), fez tudo valer a pena. Você não precisa ser a pessoa com inteligência acadêmica fora da curva pra passar em medicina na federal, o que realmente conta é o esforço e a constância. Uma frase que me disseram e eu nunca esqueci foi "o único jeito de você não entrar em medicina é você desistir no caminho". Então, não desistam! Espero que a cartilha ajude a todos os futuros calouros, vestibular é difícil, mas passa, e o resultado final é realmente incrível!"



Luana Johas Marques França
@ljohas



Letícia Martin's Homerod
@homerod.leticia

"Oi gente! Eu sou a Letícia, fiz dois anos de cursinho (um no meu terceiro ano do ensino médio, e outro já formada) e posso garantir que tudo vale a pena. Eu sei exatamente como é estar aí onde vocês estão, lendo cada cartilha de cada faculdade com muito carinho, procurando as notas de cada pessoa para ter aquilo como meta e tentar aliviar um pouco a ansiedade (se isso for possível). O meu enem foi bem caótico, chorei várias vezes durante a prova (principalmente na parte de natureza), mas consegui manter a calma por um motivo: eu já tinha feito vestibulares anteriores e sabia que tinha alcançado a nota para passar de fase na Unicamp e na Unesp, ou seja, durante a prova, eu não me colocava para baixo, pois sabia que tinha potencial para ir bem. Essa é uma dica que eu queria passar para vocês, se tiverem a oportunidade, procurem fazer diferentes provas, mesmo que o seu foco seja o enem (onde tem a melhor federal do Brasil, vulgo UFRJ), se desafiem! Quando eu abri a nota do enem fiquei esperançosa para entrar no segundo semestre em alguma faculdade, mas, por pesquisar muitas cartilhas e fazer as estatísticas sobre a maior probabilidade de entrar, consegui garantir a minha vaga na turma 261 da medicina UFRJ, o que eu não esperava que fosse acontecer, mas sou muito feliz por ter acontecido. No final, a história é a mesma, não desistam, pois mesmo que tudo pareça estar perdido, sempre existe um motivo para estar acontecendo, mesmo sem entendermos muito bem o porquê💙💜💙"

Depoimentos

"O melhor conselho que posso dar é: nunca desistam! Parece clichê, mas na realidade, só não passa quem desiste. Portanto, acreditem em vocês. Se a medicina é o seu sonho, sigam em frente até passarem. Fui aprovada depois de 7 anos de tentativas, com 30 anos de idade! Não aguentava mais colecionar provas do Enem kkkk. Até ver meu nome na lista de aprovados, pensei muitas vezes em desistir. Ouvia de muitos que talvez devesse tentar algo mais fácil, que estava desperdiçando meu tempo e que poderia ter sucesso em outra carreira. No entanto, somente eu sabia o quanto era importante perseguir o que EU queria, a minha realização pessoal. Hoje, olhando para trás, vejo que tudo pelo que passei valeu a pena. Não importa quanto tempo leve, o importante é saber que você estará vivendo aquilo que sempre sonhou. Não existe sensação melhor do que poder dizer "EU PASSEI!!!!". Por isso, persistam. Vocês também são capazes. Espero vocês na melhor do Brasil! Beijos"



Matuza de Souza Alves dos Santos
@matuza.souzaa



Ilza Carla dos Santos Costa
@ilza.carlaa

"Ser a primeira da família a fazer faculdade de medicina sabendo que meus pais não tiveram nem a oportunidade de concluir os estudos na idade certa sempre me causou medo. Medo porque eu sabia o quão difícil seria o caminho a percorrer até alcançar o meu sonho. Foram muitos anos, muitas tentativas, muito choro, muita ansiedade e muitas vezes muito sentimento de incapacidade, mas Deus me fez chegar até aqui. Aprendi a olhar cada ano sem a aprovação como um ano no qual me foi dada a chance de melhorar e entendi que no meio do processo eu precisava dar mais valor não só às minhas conquistas, mas também a minha luta. Depois de quase 7 anos eu realizei meu sonho e posso dizer que por mais difícil que pareça é possível criar a história que você deseja viver. A única coisa proibida no meio do processo pra mim sempre foi desistir porque você só fracassa de verdade quando desiste de continuar tentando!"

Depoimentos



Fernando Antunes Bastos
@fe_antunes16

"Foi bizarramente difícil, mas não é novidade pra ninguém, parte da jornada é entender que vai ser difícil e que no fim das contas você tá sozinho nessa. Mas depois que você passa, vê que TUDO valeu a pena. Enquanto estava fazendo o ensino médio, a minha impressão era que todos os meus colegas a minha volta estava vivendo e eu estava morrendo, como se estivesse jogando meu tempo no lixo ou não aproveitando a juventude. Mas agora eu vejo que só comecei a viver de verdade nesse ano, sinto que tô entendendo mais o mundo e a mim mesmo. Então, em resumo, não deixe que ninguém te desencoraje porque "o esforço sempre chama pelos melhores".
VENHAM PRA MAIOR!!!!"

"Falaaaa, futuros calouros da Medicina UFRJ ! Fiz questão de escrever esse depoimento, pois na minha época de cursinho eu me acolhia nesses depoimentos nos momentos que sentia o desânimo ! Bom, eu fiz no total 4 anos de cursinho para alcançar o meu sonho na Medicina UFRJ ! Ficar no cursinho por muitos anos é difícil, mas eu peço para você que está lendo esse depoimento uma coisa: **NÃO DESISTA !** Eu jurei para mim que não iria desistir. Estudei por 3 anos presencialmente e no meu quarto ano de cursinho acabei estudando sozinho, visto que não queria ficar novamente no programa engessado dos pré-vestibulares! Foi a melhor decisão que tomei e deu muito certo ! Fiz essa escolha e acreditei em mim até o final ! Acabei passando em três faculdades, na Unioeste, USP Bauru e UFRJ. Escolhi o meu sonho desde o início que era cursar medicina na melhor Universidade Federal do Brasil! Minha dica é que foquem muito em provas e estudem por elas ! Estudem estratégias de provas e vejam o que o simulado está te dizendo! "Errei muito matemática nesse simulado". Então, estude matemática. Esse método de estudo me fez crescer demais ! Desejo toda sorte desse mundo para você que está lendo e não desista ! A confiança vêm e a sua aprovação também! Um forte abraço do seu veterano, Victor Belém."



Victor Belém Seixas
@ovictorbelem



261



A turma 261 deseja a vocês um ótimo vestibular!

@medufrj261



Créditos

Representantes da cartilha



Flávio Borges



Letícia Homero

Rede de ajuda



Bernardo Moutinho



Carol Machado



Guilherme Senos



João Victor Caetano



Maria Clara Quintanilha



Rebeca Castro



Victor Belém



Victória Regina



Vitória Lyra